



SANTUÁRIO DE FÁTIMA

ANO PASTORAL • 2017-2018

GUIA DO PEREGRINO 2017-2018

TEMPO DE GRAÇA E MISERICÓRDIA

«Dai graças em todas as circunstâncias»

ITes 5,18

«Os corações de Jesus e de Maria têm
sobre vós desígnios de misericórdia»

II Memória, sobre a segunda aparição do Anjo, em 1916

Ficha Técnica

Coordenação: Pedro Valinho Gomes

Textos: André Pereira, Ângela Oliveira, Carlos Cabecinhas, José Nuno Silva, José Rui Teixeira, Marco Daniel Duarte, Pedro Valinho Gomes

Design e Paginação: implica, designers ©

Impressão e acabamentos: Gráfica Almondina

Depósito legal: 434461/17

ISBN: 978-989-8418-14-2

Edição: Santuário de Fátima 2017

GUIADO **PEREGRINO** 2017-2018

TEMPO DE GRAÇA E MISERICÓRDIA

ÍNDICE

01

«GRAÇA E MISERICÓRDIA» HORIZONTES DO ANO PASTORAL 09

Tempo de graça e misericórdia.

Introdução ao itinerário de um triénio ainda jubilar 11

Carlos Cabecinhas

Dar graças pelo dom de Fátima 19

José Rui Teixeira

02

«VIM PARA VOS PEDIR QUE VENHAIS AQUI» PASSOS NO SANTUÁRIO 31

«O que é que vossemecê me quer?»

Recordar o acontecimento de Fátima, na Basílica de Nossa Senhora
do Rosário de Fátima 33

«Não te esqueças lá de mim»

Rezar com os santos Francisco e Jacinta, junto aos seus túmulos 45

«Atravessou uma cidade meia em ruínas»

Percorrer a via-sacra, nas colunatas da Basílica de Nossa Senhora
do Rosário de Fátima 49

«Rezai o terço todos os dias»	
Meditar o rosário, na Capelinha das Aparições	85
«Pus-me a caminho, rezando»	
Percorrer trajetos catequéticos e orantes, pelos lugares do Santuário	97
«Sobre vós, desígnios de misericórdia»	
Reconciliar a vida com Deus, nas Capelas do Sagrado Coração	
de Jesus e do Imaculado Coração de Maria	101
«Adoro-vos profundamente»	
Colocar a vida diante de Deus, na Capela do Lausperene	105

03

«UM HINO DE ETERNA GRATIDÃO E LOUVOR AO TEU AMOR» CÂNTICOS PARA A PEREGRINAÇÃO A FÁTIMA ... 109

Cânticos para a peregrinação / sobre a condição do peregrino

Iremos com alegria	113
Nós somos as pedras vivas	115
Povo de Deus, caminha e canta	117
Povo teu somos, ó Senhor	118
Que alegria quando me disseram	120
Somos a Igreja de Cristo	121
Vós que fostes batizados em Cristo	123

Cânticos para celebrar em Fátima

Ave de Fátima	127
Ave, o Theotokos	129
Cantemos alegres	131
Lumen Christi! Amen!	132
Meu Deus, eu creio	134
Senhora, um dia desceste	135
Totus tuus	136
Venite, adoremus	138

Cânticos para dar graças pelo dom de Fátima

Dai graças ao Senhor.....	141
Dêmos graças ao Senhor	142
Deo gratias	144
Magnificat	146
Misericordias Domini	147
Vamos confiantes	148

Cânticos para o rosário

Mistérios Gozosos – A minha alma glorifica o Senhor	151
Mistérios Luminosos – Senhor, Tu és a luz.....	153
Mistérios Dolorosos – Santa Maria, Mãe de Deus	154
Mistérios Gloriosos – Tu és a glória de Jerusalém.....	155
No Tempo do Advento – A minha alma glorifica o Senhor	151
No Tempo do Natal – Felizes as entranhas	156
No Tempo da Quaresma – Santa Maria, Mãe de Deus	154
No Tempo da Páscoa – Alegrai-Vos, Mãe de Jesus	158
No Tempo Comum – Bendita seja a Virgem Maria	160

Cânticos para a via-sacra

O Senhor salvou-me	163
Abri as portas	164
Toda a nossa glória	165
Se alguém quiser segui-Me	166

Missa de Angelis

Kyrie	169
Gloria	170
Credo	172
Sanctus	175
Agnus Dei	176

01

«GRAÇA E MISERICÓRDIA»

**HORIZONTES
DO ANO PASTORAL**

TEMPO DE GRAÇA E MISERICÓRDIA. INTRODUÇÃO AO ITINERÁRIO DE UM TRIÊNIO AINDA JUBILAR

– Carlos Cabecinhas

«GRAÇA E MISERICÓRDIA»

O septenário que em 2010 se iniciou com vista à preparação e à celebração do Centenário das Aparições de Fátima está, agora, programaticamente concluído. O intenso e frutuoso itinerário, marcado por uma multiforme e pluridimensional dinâmica – do estudo e da reflexão à arte e à cultura, da celebração à formação, da contemplação à festa –, culminou na singular vivência do ano jubilar, particularmente significativo e permeado de momentos especialmente marcantes. O balanço é francamente positivo e deixa-nos gravada a noção de que muito do que se alcançou não pode deixar de permanecer, não obstante o término deste período circunstancial. O septenário está programaticamente concluído, dizia. Mas constitui, agora, o terreno fértil a partir do qual continuamos a aprofundar o significado e o alcance do acontecimento e da mensagem que, despontados há cem anos e desde então acolhidos e proclamados, continuam a interpelar o mundo, a humanidade

e a Igreja; continuam a requerer, pois, adentramento reflexivo na sua densidade e acolhimento vital dos seus desafios. O encerramento do Centenário é, antes de tudo, pórtico para um tempo que dele bebe e o prolonga, porquanto deve fazer perdurar quanto de belo e de bom foi experimentado. Este tempo que agora se abre foi olhado pelo Santuário de Fátima no horizonte de um triénio e o itinerário delineado propõe-se, precisamente, prolongar e aprofundar o Centenário das Aparições e promover a consolidação dos dinamismos criados, propiciadores de tão bons frutos, sob a égide do reconhecimento do dom recebido e do compromisso pelo seu acolhimento.

As palavras com que o evento Fátima se encerra presidem à arquitetura temática do triénio – «Graça e Misericórdia»¹ –, direcionando o pensamento para o teor fundamental do tempo que nos é dado viver: *tempo marcadamente de graça e misericórdia*. E é com a consciência de que o tempo a viver – habitado pela graça e pela misericórdia de Deus, como todo o tempo, mas aqui olhado com o foco nessa certeza – é um dom que o Santuário de Fátima se propõe atravessá-lo, firmado na atitude adequada a adotar diante da gratuidade do amor com que Deus sempre nos visita: a ação de graças e o louvor, embebidos de gratidão. É, então, ocasião oportuna para dar graças; e é nesse tom que se esculpirmos os temas que presidem aos três anos pastorais do triénio. O primeiro, no qual agora entramos, viver-se-á sob o tema “Tempo de graça e misericórdia: dar graças pelo dom de Fátima”, sublinhando a consciência do dom recebido, iniciativa gratuita e amorosa de Deus. O segundo, 2018-2019, percorrer-se-á à luz de “Tempo de graça e misericórdia: dar graças por peregrinar em Igreja”, evocando a dimensão eclesial deste dom à Igreja e à humanidade, para a Igreja e para o mundo. Finalmente, o ano de 2019-2020, entonado pela vocação à santidade, dom e tarefa, será epigrafa-do por “Tempo de graça e misericórdia: dar graças por viver em Deus”.

1. Lúcia de Jesus, *Memórias da Irmã Lúcia I. 13.* ed. Fátima: Secretariado dos Pastorinhos, 2007, p. 195.

Com este percurso, aqui brevemente enunciado, o Santuário deseja fazer memória dos momentos de graça – e são tantos! – que pautam a centenária história do acontecimento de Fátima, procurando avivar a consciência do dom que este acontecimento é para a contemporaneidade. Como conteúdo de um evento fulcral dos nossos tempos, a mensagem anunciada na Cova da Iria pela Senhora vinda do Céu dirige-se acutilantemente aos nossos dias, constituindo anúncio e apelo dirigidos, antes de tudo, à assembleia dos discípulos de Cristo, a Igreja, convocada a configurar-se com o seu Senhor: eis a experiência de Igreja que peregrina pelo mundo e se reúne em torno de Cristo que podemos fazer em Fátima, meta de peregrinação e lugar de *ecclesia*, de vivência e construção da comunidade. Procuraremos perscrutar a dimensão batismal desta mensagem e refletir sobre o caminho rumo à santidade – realidade derradeira a que somos chamados – que com o batismo se inicia, da qual nos são oferecidos, em Fátima, modelos específicos cujos perfis espirituais é indispensável conhecer melhor, auscultando a interpelação que as suas vidas e as suas experiências de fé fazem à nossa própria experiência.

Ao triénio se vinculam igualmente determinados acontecimentos que, mesmo se assinalados nas datas próprias, oferecem o contexto transversal aos três anos pastorais: a restauração da Diocese de Leiria, ocorrida em 17 de janeiro de 1918; a morte de Francisco Marto, em 4 de abril de 1919; a edificação da Capelinha das Aparições, nos meses primaveris de 1919; a morte de Jacinta Marto, em 20 de fevereiro de 1920; a construção da escultura de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, neste mesmo ano; e, ainda em 1920, o início do labor pastoral de D. José Alves Correia da Silva como bispo de Leiria. Efemérides marcantes da história de Fátima, cada uma destas referências propicia a relevação dos traços concretos do acontecimento e da mensagem de Fátima que acima se indicaram e que dão forma ao itinerário que somos convidados a percorrer.

**«OS CORAÇÕES DE JESUS E DE MARIA
TÊM SOBRE VÓS DESÍGNIOS DE MISERICÓRDIA»**

Num momento particularmente delicado da história da humanidade, em que surgia mesmo no horizonte a possibilidade da sua própria aniquilação, o *mensageiro* de Deus traz uma palavra de esperança: são «desígnios de misericórdia»² os que podem e devem figurar nesse hori-

2. A palavra é a do Anjo (*angelos*, em grego: “mensageiro”), na segunda aparição, no verão de 1916, como nos relata a Lúcia nas suas Memórias. Lúcia de Jesus, *Memórias da Irmã Lúcia I*, p. 170.

zonte, assaltado pela negrura da dissolução da filiação e da fraternidade mas, afinal, decisivamente iluminado pela alvura da bondade com que o Pai sempre deseja restaurar os laços e resgatar para a vida. No livre e generoso

acolhimento oferecido pelas três crianças-pastores à palavra-proposta recebida abriu-se o espaço necessário à multiplicação do dom. Com efeito, Deus quer agir por meio das nossas mãos e é por elas que passa a possibilidade do *muito fruto* (Mt 13,23).

O presente ano pastoral, vinculado aos eixos fundamentais que norteiam o programa do triénio, apresenta, como cada um dos outros, conteúdos e objetivos específicos que é oportuno assinalar. Perscrutando os cem anos que de nós dista o evento fundador, facilmente constatamos que são muitos os aspetos demonstrativos do dom que Fátima é para a Igreja e para a humanidade. É com essa consciência – mais uma vez, necessariamente impulsionadora de uma reconhecida e grata atitude – que o Santuário procurará atravessar os anos vindouros, a começar por este que sucede ao ano jubilar, prolongando-lhe o júbilo e, ainda em júbilo, aprofundando-lhe a fecundidade. Quer pela evocação dos marcos históricos mais significativos de Fátima, quer pela perceção da importância da sua espiritualidade para tantos crentes – designadamente por meio dos movimentos, obras e associações fatimitas –, ver-se-á como este acontecimento e a sua mensagem se integram consistentemente na vida da Igreja universal. E como, integrados na vida da Igreja, necessariamente se dirigem ao mundo – que é,

mesmo se não a “sua pátria”, o lugar da vida e da missão da Igreja³ –, aí recordando e reafirmando profeticamente a presença misericordiosa de Deus, neste e em todos os tempos em que essa presença não é reconhecida, em que a discórdia ameaça desagregar os corações e em que, dissolvida a concórdia entre os irmãos, filhos do mesmo Pai, *Caim mata Abel* e a guerra se impõe à paz. Procurar-se-á reconhecer como a Imagem Peregrina de Nossa Senhora de Fátima teve uma relevância pastoral incontornável para as vidas e os contextos das comunidades às quais foi levada – e continua a ter, com inestimáveis frutos –, contribuindo determinadamente para o conhecimento e o crescimento da devoção a Nossa Senhora de Fátima no mundo. Refletir-se-á sobre a importância de Fátima como lugar de cultura – onde se *dá lugar* à cultura, onde se *produz* cultura e donde irradiam *novos eixos* de desenvolvimento da cultura –, bem como sobre a sua relevância antropológica, concretamente diante de prementes desafios nossos contemporâneos, como o acolhimento do sofrimento humano (e, particularmente, dos novos sofrimentos com que nos deparamos) ou o cuidado da Casa Comum e da humanidade que a habita, segundo uma perspectiva cristã integrada e integral.

3. Cf. Jo 17,1-25; Mc 16,18; Mt 5,13-16; Mt 28,19.

«DAI GRAÇAS EM TODAS AS CIRCUNSTÂNCIAS»

É de graça o tempo que nos é dado viver nestes anos que agora se abrem ao nosso horizonte. Abrem-se para o horizonte, abrem-se-nos como horizonte e abrem-nos os horizontes. Com efeito, encetam um tempo novo, como é todo aquele que está-por-vir. Tempo novo que não dispensa o *velho*, o já vivido, mas antes o assume e renova em cada momento, incrementando-lhe sempre o conteúdo e o sentido. Sim, o “vivido” – sobretudo se intensa e fecundamente vivido – permanece no presente da vida e no “a viver”. Este tempo novo que os anos vindouros

constituem abre e rasga um horizonte de futuro; *abre-se para o horizonte*. Mas abre-se-nos também *como horizonte*: o triênio que agora se inicia é o tempo e o espaço em que nos moveremos, em que viveremos, em que seremos. Não dispensa o “já vivido” nem perde de vista o “a viver”, mas não se furta ao “hoje” em que se inscreve e a que circunscreve o horizonte. É, de facto, o tempo e o espaço em que estaremos-a-ser convocados e interpelados e em que se definirá a nossa resposta, dada necessariamente no presente, em cada dia renovada e atualizada. Não deixa, contudo, de alargar a perspetiva: abre os horizontes para as imensas possibilidades que, transportadas desde há cem anos e em cada tempo reavivadas e potenciadas – com destaque para o tempo singular que acaba de ser jubilosamente celebrado –, projetam para uma vivência sempre crescentemente diligente e profunda do conteúdo evangélico a que a mensagem de Fátima – sempre *presente*, sempre atual, porque radicada precisamente ali, no Evangelho – convoca. Rasga novos trilhos, propõe novos desafios, ocasiona novas possibilidades. *Abre*, pois, *os horizontes*.

É de graça o tempo que nos é dado viver. É o *tempo da graça*: o tempo atravessado por uma Palavra que, de modo radicalmente novo e definitivamente afirmado, se revela lugar e razão da salvação, da restauração dos laços, do reencontro com a possibilidade da vida definitiva e plena. O tempo aberto pelo Crucificado-Ressuscitado, aberto *por nós e para nossa salvação*. É o tempo da graça porque nele Deus se tornou definitiva e radicalmente presente, *connosco*, na carne do Filho, o *Emmanuel*. Connosco: com a nossa natureza, com as nossas debilidades, com a nossa pobreza. O Coração de Deus está inteiramente junto de nós e connosco. É o tempo da graça precisamente por ser o tempo da *misericórdia*: o tempo do Coração graciosamente presente junto dos frágeis e pobres – fragilidade e pobreza que nos são constitutivas –; presente, pois, junto dos homens e das mulheres, todos atravessados por essa vulnerabilidade intrínseca à nossa humanidade, indigente mas tão

querida e amada por Deus, que lhe oferece a salvação (é à *oferta* da *salvação* que a graça e a misericórdia apontam decisivamente). «Dai graças em todas as circunstâncias» (1Tes 5,18), exorta o Apóstolo. Se todas são lugar para a graça de Deus e, por isso, ocasião para dar graças a Deus, mais se impõe que diante de tão grande dom nos disponhamos a abrir as mãos e o coração, acolhendo-o, e a corresponder comprometida e amorosamente, com total disponibilidade da vida, ao tesouro que nos é dado carregar, ainda que em vasos de barro (2Cor 4,7). Eis a maior ação de graças.

O guia que temos em mãos é-nos facultado como instrumento para uma potencialmente mais rica e frutífera vivência espiritual do dom que em Fátima nos é oferecido: o da reafirmação por parte de Deus da sua presença e da sua ação salvíficas na história da humanidade, qual evocação – não apenas ao jeito da memória, que traz de novo à lembrança, mas do memorial, que torna presente e atual – da Páscoa e da vida nova aí inaugurada pelo Senhor Jesus, o Filho ressuscitado pelo Pai no Espírito. É, enfim, o dom do Reino, realidade de *graça* e de *misericórdia* por excelência, que Deus, pelas mãos da Senhora do Rosário, em Fátima, nos recordou estar à disposição, como oferta e tarefa jamais revogadas; assim o queiramos aceitar, acolhendo gratamente a graciosa dádiva.

DAR GRAÇAS PELO DOM DE FÁTIMA

– José Rui Teixeira

Fátima entrou bem cedo na minha vida, como consequência natural de ser português e ter nascido na década de 70. A minha mãe pertenceu àquela geração de mulheres que ofereceu o vestido de noiva ao Santuário, como expressão devocional da sua gratidão por o meu pai ter escapado à Guerra Colonial.

Descobri recentemente uma fotografia que me retrata, com uns três anos, diante da Basílica, mas a minha memória mais antiga de Fátima remonta a 1980, teria uns seis anos e fui cumprir uma promessa da minha avó paterna que – esgotadas as intercessões a Santa Luzia – prometeu que eu iria à Capelinha das Aparições vestido de anjo se Nossa Senhora me curasse de um problema ocular congénito. Não tive, então, coragem de dizê-lo, mas confesso que me questioneei: se foi a minha avó a fazer a promessa, por que motivo não ia ela vestida de anjo? A verdade é que, apesar de me sentir incómodo naquela situação, confortavam-me os óculos que, entretanto, o oftalmologista me receitara e com os quais

passai – literalmente – a ver o mundo. E os óculos ficaram associados a uma bênção: a criança que eu fui intuiu ser quase uma cura aquilo que, hoje, os meus filhos diriam tratar-se apenas de uma espécie de *upgrade*.

Uma e outra vez, a família reuniu-se em Fátima, como expressão devocional de um catolicismo sociológico que em Portugal ainda move multidões. Desse tempo, guardei um cosmorama de plástico verde, com o formato de um televisor e o funcionamento de uma máquina fotográfica, onde se viam imagens de Fátima e mecanicamente se reproduzia a narrativa visual da *visitação* da Mãe de Jesus àquelas três crianças que habitavam um *país real* que era a periferia da periferia, interlocutores da transcendência tão improváveis como aqueles que – com os olhos de criança – conheci nas páginas da minha Bíblia ilustrada. Quantas vezes visitei, através do óculo daquele cosmorama, esse lugar onde milhares de pessoas se ajoelhavam com um pressentimento de hierofania, entre a catarse e o paroxismo.

Conservo ainda – em memória profunda – essa narrativa da infância e não permito que o teólogo a venha esquadriñar. Ainda hoje me deixo comover por aquelas três crianças, cuja história nunca me pareceu minimamente *edificante*: esse tipo de histórias *limpas*, que aconchegam o corpo ao sono e que são um lenitivo, mas sem nunca deixar de ser um placebo. Aprendi cedo que as grandes histórias raramente são edificantes. As minhas primeiras leituras foram as narrativas dos irmãos Grimm, de Hans Christian Andersen e de Oscar Wilde. Mais tarde, de Shakespeare a Dostoiévski, as grandes leituras da minha vida nunca desmentiram a verdade dessas primeiras histórias. A minha Bíblia ilustrada, com que povoei de História da Salvação o meu imaginário, não tinha qualquer cosmética; não havia a censura do *biblicamente correto*. Estava tudo ali, como na vida: a vingança e o amor, a traição e a fidelidade, a violência e a bondade, a ira e a misericórdia. Como eu gostava da narrativa de Jonas e do grande peixe... Como fugir de Deus?

E por tudo isto horroriza-me uma certa exegese e homilética de feição edificante. Preocupa-me que se omitam ou se contornem as leituras difíceis.

Mas pensemos na Cova da Iria, em 1917: era um desses lugares onde não poderíamos ser visitados, tal como Nazaré nunca poderia ter sido o lugar aonde Deus enviasse o anjo. Está tudo certo. Em 1917, a esmaecida Europa cristã era uma espécie de casca frágil que as trincheiras e as valas comuns, ao modo das fronteiras, partia impiedosamente; e Portugal, que na sua automitografia se arrogou objeto de uma particular predileção divina, era pouco mais do que uma nação periférica, vítima endêmica de pobreza, analfabetismo e outras pandemias. E é na periferia dessa periferia, num desses baldios do mundo, que por meio dessas crianças fomos visitados.

Sempre me irritou aquele catolicismo nacionalista que usou uma mariologia envesgada como arma contra os histerismos e os rancores anticlericais que, em Portugal, foram sempre tão institucionais quanto um certo clericalismo provinciano, com os seus caciques e provisoinamentos de retórica bafienta. Sempre me irritou aquela fação *snob* – dentro e fora da Igreja – que paternalisticamente considerou e considera Fátima um entretenimento religioso para a turbamulta. E sempre me irritaram aqueles cristãos que viram e veem Fátima como uma *tábua de salvação* para a Igreja portuguesa. Digamo-lo sem medo: Fátima é circunstancial e só assumindo desarmadamente esta perspetiva é que poderemos dar graças pelo dom de Fátima.

Há uns anos, certamente indignado com uma certa indiferença da minha parte, alguém quis convencer-me do carácter “essencial” dos dogmas marianos, citando para isso papas e doutores da Igreja. Porém, o meu problema é a semântica e a dinâmica que se estabelece entre a extensão e a compreensão dos conceitos. Para mim, essencial é essencial:

é o constitutivo da essência, aquilo que é condição *sine qua non*. Para mim, condição *sine qua non* para ser cristão é Cristo, Ele em mim e eu n'Ele, pela ação do Espírito Santo; condição *sine qua non* é o Evangelho, enquanto realidade entranhada na minha autoconsciência, desdobrada em literacia e em práxis. Com efeito, o desaparecimento de todos os exemplares impressos dos Evangelhos não beliscaria a minha condição de cristão. É tão simples quanto isto: se eu não aceito que deixaria de ser cristão por viver num lugar onde não houvesse a possibilidade de celebrar a eucaristia, por que motivo terei de aceitar que o dogma da Imaculada Conceição é essencial para a minha condição de cristão?

Curiosamente, conservo o hábito de ler regularmente «A oferenda»¹ de Teilhard de Chardin, do seu *Hino do Universo*. Há mais de vinte anos que o faço. Ali está o essencial; uma expressão poética do essencial.

Fátima é circunstancial. Mas é à luz do circunstancial que o essencial frutifica, na vida de cada um, em estado de graça. E é à luz do essencial que podemos dar graças pelo dom do circunstancial.

Não faltarão especialistas a refletir sobre o fenómeno de Fátima desde a perspetiva da Teologia ou da História; eu prefiro concebê-lo poeticamente: para mim, Fátima é uma poética.

Na teologia cristã, a *graça* é a ação livre e gratuita com que Deus, em Cristo, chama o homem à comunhão consigo. Corresponde ao termo latino *gratia* e ao grego *cháris*, que traduz habitualmente os termos hebraicos *chen* e *chesed*, que indicam não só um gesto de benevolência, mas – mais profundamente – a atitude fundamental da qual brota tal gesto².

Diria que a *graça* é a exposição do homem à misericórdia de Deus. Tendo em consideração que se trata de uma exposição incondicional, Karl Rahner pergunta: «Teremos feito alguma vez, verdadeiramente, experiência da graça? Não queremos aludir, tenha-se isso em conta,

DAR GRAÇAS PELO DOM DE FÁTIMA

1. «Visto que, uma vez mais, Senhor, já não nas florestas do Aisne, mas nas estepes da Ásia, não tenho nem pão, nem vinho, nem altar, elevar-me-ei acima dos símbolos até à pura majestade do real, e oferecer-vos-ei, eu, Vosso sacerdote, no altar da Terra inteira, o trabalho e a dor do Mundo.

O sol acaba de iluminar, ao longe, a franja extrema do primeiro Oriente. Uma vez mais, sob o pano movente dos seus lumes, a superfície viva da terra desperta, estremece e recomeça o seu labor tremendo. Colocarei na minha patena, ó meu Deus, a colheita esperada deste novo esforço. Derramarei no meu cálice a seiva de todos os frutos que serão hoje esmagados.

O meu cálice e a minha patena são as funduras de uma alma largamente aberta a todas as forças que, dentro de um instante, se elevarão de todos os pontos do Globo e convergirão a caminho do Espírito. – Venham, pois, a mim a recordação e a presença mística daqueles que a luz desperta para uma nova jornada!

Um a um, Senhor, que eu os veja e os ame, aqueles que me deste como arrimo e encanto naturais da minha existência. Um a um, também, quero contá-los, aos membros dessa outra e tão querida família que, pouco a pouco, à minha volta, foram reunidos a partir dos elementos mais dispares pelas afinidades do coração, da investigação científica e do pensamento. Mais confusamente, mas todos sem exceção, evoco ainda aqueles cuja concentração anónima forma a massa inumerável dos seres vivos: os que me rodeiam e me apoiam sem que eu os conheça; os que chegam e os que partem; aqueles sobretudo que, na verdade ou através do erro, à sua mesa de trabalho, no seu laboratório ou na fábrica, acreditam no progresso das Coisas e hoje, apaixonadamente, correrão atrás da luz.

Esta multiplicidade agitada, toldada ou distinta, cujaimensidão nos assombra, este Oceano Humano cujas oscilações lentas e monótonas lançam a perturbação nos corações mais crentes – quero que neste momento o meu ser ressoe do seu murmúrio profundo. Tudo o que aumentará no Mundo, ao longo deste dia, tudo o que diminuirá – tudo o que morrerá, igualmente –, eis, Senhor, o que me esforço por recolher em mim para Vo-lo estender; eis a matéria do meu sacrifício, o único de que tenhais vontade.

Outrora eram trazidas ao vosso templo as primícias das colheitas e a flor dos rebanhos. A oferenda que verdadeiramente esperais, aquela de que misteriosamente necessitais a cada dia para apaziguar a Vossa fome, para estancar a Vossa sede, é nada menos do que o crescimento do Mundo arrebatado pelo devir universal.

Recebei, Senhor, esta Hóstia total que a Criação, movida pelo Vosso apelo, Vos apresenta na nova aurora. Este pão do nosso esforço não é, por si próprio, bem o sei, mais do que uma imensa desagregação. Este vinho da nossa dor não é ainda, por desgraça, mais do que uma bebida dissolvente. Mas, no fundo desta massa informe, Vós pusestes – tenho a certeza, porque o sinto – um desejo irresistível e santificador que nos faz gritar a todos, do ímpio ao fiel: “Senhor, fazei-nos um!”

Porque, à falta do zelo espiritual e da sublime pureza dos Vossos Santos, Vós me destes, ó meu Deus, uma simpatia irresistível por tudo o que se move na matéria obscura – porque irremediavelmente reconheço em mim, bem mais do que um filho do Céu, um filho da Terra –, subirei, esta manhã, em pensamento, aos altos lugares, carregado com as esperanças e as misérias da minha mãe; e daí – com a força de um sacerdócio que só Vós, como creio, me destes –, sobre tudo o que, na Carne Humana, se prepara para nascer ou perecer sob o sol que se ergue, invocarei o Fogo. Pierre Teilhard de Chardin, *Hino do Universo*, Lisboa, Editorial Notícias, 1995, pp. 17-18.

2. Cf. *Christos – Enciclopédia do Cristianismo*, Lisboa, Editorial Verbo, 2004, p. 388.

a um sentimento genérico de devoção ou a uma exaltação religiosa, de tipo festivo, nem sequer a qualquer consolação interior de doçura, mas à experiência da verdadeira e genuína graça, isto é, àquela visita do Espírito Santo»³.

3. *Apud ibidem*, p. 389. A graça implica esse tempo – *kairós* – em que somos visitados e resulta num estado – estado de graça – que essa visita proporciona. É algo que se recebe e que se dá, algo que passa por nós: pertence-nos, mas não a possuímos⁴.

4. Seria muito interessante abordar a reciprocidade da graça a partir da perspectiva antropológica do *Ensaio sobre a dádiva*, de Marcel Mauss [Lisboa, Edições 70, 2001].

Proponho assentar esta reflexão em duas passagens do Evangelho e podemos começar pela parábola do banquete nupcial (Mt 22, 1-14).

Esta narrativa principia com uma comparação: «O Reino dos Céus pode comparar-se a um rei que preparou um banquete nupcial para o seu filho». É importante que o ponto-de-partida seja o Reino dos Céus, na medida em que penso numa eclesiologia que dialoga intimamente com a soteriologia e a escatologia; e entristece-me uma eclesiologia que se resigne à sociologia da religião. Sinceramente, só me interessa uma Igreja que ainda acredita e vive a condição de *crisálida* do Reino dos Céus.

Mas regressemos à parábola: como em todos os banquetes nupciais há os convidados e o rei pediu que os servos os convocassem para o banquete. Sabemos quem é, metaforicamente, este rei e quem é o seu filho. Também conhecemos os convidados: sejam eles os próprios príncipes dos sacerdotes que interpelavam Jesus, sejamos nós que circulamos pelos meios eclesiais, eventualmente confortados com a ideia de uma espécie de garantia de salvação ou mesmo com uma certa sobranceria, muitas vezes disfarçada com as medidas da falsa humildade; eles ou nós, gente mais ou menos piedosa, com a consciência de um lugar cativo diante de Deus, como se de um banco da igreja se tratasse.

O rei manda chamá-los, mas eles não querem ir. O rei insiste e envia os servos com uma mensagem muito concreta: «Dizei-lhes que preparei o meu banquete... tudo está pronto». Mas os convidados não estão interessados: um vai para o campo, o outro para o seu negócio e os outros, como se a indiferença não bastasse, espancam e matam os servos. Tal como com o dono da vinha, na parábola dos vinhateiros homicidas (Mt 21, 33-46), a indignação do rei proporciona uma espécie de interlúdio para um circunstancial *dies irae*. Acentuam-se aqui, por um lado, a insistência do rei e, por outro, a determinação e a persistência na recusa por parte dos convidados.

Como se o tempo, em sentido cronológico, fosse irrelevante, e predominasse o presente em sentido salvífico – *kairológico* –, o rei diz aos servos: «O banquete está pronto, mas os convidados não são dignos. Ide às encruzilhadas dos caminhos e convidai para as bodas todos os que encontrardes». E assim fizeram: reuniram todos os que encontraram, bons e maus... repito: bons e maus. Quem são estes outros convidados? São invariavelmente os outros, alguns de nós, os noventa e tais por cento de batizados deste ou de qualquer outro país sociologicamente católico, essa multidão que só conta para as estatísticas e que não adquiriu consciência batismal, essa turba que «batiza-se agora e catequiza-se depois»... e que está por evangelizar há séculos.

A parábola prossegue⁵, mas – no contexto desta reflexão – podemos ficar por aqui. Creio que esta narrativa tem muito a ver com Fátima, com o dom de Fátima pelo qual me sinto visitado e pelo qual dou graças. Quando observo as fotografias do 13 de outubro de 1917, lembro-me sempre desta parábola. Sinto que essas pessoas são esses outros convidados: essa gente improvável que vive nas periferias, encontrada nas encruzilhadas, essas arestas do mundo onde já nem o diabo descansa.

5. A sala do banquete encheu-se com estes convidados. Quando o rei entrou na sala, viu um homem que não estava vestido com o traje nupcial e dirigiu-lhe a palavra: «Amigo, como entraste aqui sem o traje nupcial?» Ele permaneceu em silêncio. Então, o rei disse aos servos: «Amarrai-lhe os pés e as mãos e lançai-o às trevas exteriores; aí haverá choro e ranger de dentes. Com efeito, muitos são os chamados, mas poucos os escolhidos».

O que é que isto significa? O rei entrou para ver os convidados e reparou que um não vestia o traje nupcial; mas estas não são as pessoas que os servos encontraram um pouco por todo o lado e que foram convidados de um modo imprevisto, de certo modo inadvertido, acidental? Ou seja: se não sabiam que seriam convidados para uma festa, por que motivo teriam vestido o traje nupcial? Na verdade, não estranhámos que um convidado não o tivesse vestido; estranhámos, sim, que apenas um o não tivesse vestido.

Ensinou-me um dos meus professores de exegese bíblica que, ao contrário do que se passa hoje nos casamentos para os quais somos convidados, naquele contexto histórico-cultural era o anfitrião do banquete que presenteava os convidados com o traje e havia um vestíbulo onde cada um tinha a possibilidade de se preparar para a festa. E esta perspetiva muda tudo. Na verdade, quando o rei chega ao banquete percebe que um dos convidados não aceitou o traje que lhe tinha sido oferecido. E interpela-o: «Amigo, como entraste aqui sem o traje nupcial?».

E se isto tudo tem uma densidade muito própria, temos de prestar atenção ao texto original, em grego. O rei diz *amigo*, mas não utiliza a palavra expectável: *filos* [ou mesmo *gnôrimos*, que implica um tratamento mais distanciado]. O rei utiliza a palavra *étaire*, que implica uma expressão mais íntima e mais dramática do que inicialmente podíamos supor. Não creio que se trate de um tratamento irónico ou hipócrito; este *amigo* implica as mãos abertas, o acolhimento, a voz talvez arrastada de quem quer perceber a atitude do outro, de quem espera que reconsidere.

A expressão *étaire* aparece apenas três vezes no Evangelho de Mateus: nesta parábola do banquete nupcial; na parábola dos trabalhadores da vinha (Mt 20, 13): «Amigo, em nada te lesei... não foi um denário que combinámos?»; e aquando da prisão de Jesus (Mt 26, 50), quando Judas aparece e Jesus interpela-o: «Amigo, por que veste?». Nas três situações, a mesma autenticidade, o mesmo movimento de aproximação, o mesmo rumor de decepção, temperado ainda com alguma esperança. Nas três situações, o mesmo silêncio: nem o vinhateiro, nem o convidado, nem Judas reconsideraram esta palavra que subentende: «pensa duas vezes», «escuta», «deixa-te tocar».

Os últimos versículos da parábola acentuam a demarcação dos espaços, a diferença entre o interior – com a luz, a alegria, a dimensão comunal e festiva da celebração, em torno da mesa-comum – e as trevas exteriores, onde há choro e ranger de dentes; e uma conclusão: «Com efeito, muitos são os chamados, mas poucos os escolhidos». Creio que este último versículo permite-nos ir ainda um pouco mais longe: talvez todos sejam chamados, mas poucos se deixem escolher.

Dou graças pelo dom de Fátima, porque quando me distancio do seu epicentro e busco a distância da observação desapaixonada, vejo ainda essa gente que aceitou o traje nupcial; essa gente que, tendo sido chamada, deixou-se escolher.

A outra passagem do Evangelho na qual assenta a minha leitura é a narrativa de Marcos 5, 21-43⁶: logo no cais, Jesus é cercado por uma multidão; um homem chamado Jairo aproxima-se e suplica-lhe que o acompanhe, na medida em que a sua filha está a morrer. É relativamente simples concebermos um arco entre a súplica de Jairo e a poderosa expressão *Talítha kum*⁷, que despertará a menina de doze anos. Mas o que me parece mais impressionante nestes 22 versículos é essa espécie de interlúdio que se representa sob a cúpula do arco narrativo: o evangelista fala-nos de uma hemorroísa, uma mulher que tinha há doze anos um fluxo de sangue e que muito sofrera nas mãos de vários médicos, tendo gasto tudo o que possuía sem nenhum resultado e assistindo, impotente, ao agravamento da sua situação. Esta mulher tinha ouvido falar de Jesus e, vendo-o passar na direção da casa de Jairo, pensa para si: «Se ao menos tocar as suas roupas, serei salva».

6. Cf. Mt 9, 18-26; Lc 8, 40-56.

7. A força cênica desta expressão impressionou profundamente Dostoievski, ao ponto de colocá-la segunda vez na boca de Jesus, na admirável narrativa d'*O Grande Inquisidor* (Fiódor Dostoievski, *Os Irmãos Karamazov*, Lisboa, Relógio D'Água, 2012, p. 255).

Facilmente censuráramos a pretensão desta mulher: é ingénua e reduz a soteriologia a uma interseção. No meio da multidão, a mulher consegue tocar as roupas de Jesus, essa *orla do manto*. E Jesus sente-se tocado. E é no toque pressentido que acontece o encontro e a cura: «A tua fé te salvou».

A *orla do manto* é uma periferia do corpo, uma extensão distanciada pelo movimento. Sentir o toque nas roupas é pressentir-se tocado, apesar da morte iminente da filha de Jairo. E a mulher é um corpo que sangra e que se dispõe à cura.

Quantas vezes escutei o discurso que censura o masoquismo dos peregrinos de Fátima, as promessas que impõem sacrifício, essa espécie de catarse que mutila o corpo. Não contra-argumento. Por um lado, percebo a censura e aceito-a quando não traz o veneno do cinismo de quem se arroga de uma qualquer superioridade moral. Por outro lado, não consigo censurar esses peregrinos, essa gente despojada, ensimesmada no seu drama íntimo, para quem a soteriologia não se traduz senão numa interseção [com «s» e «ç»: esse ponto em que dois caminhos se encontram], numa interseção e numa interceção [com «c» e «ç»: o ato de interceptar], numa interceção e numa intercessão [com «c» e «ss»: para que o tangível interceda no intangível].

Inquieta-me e comove-me. Tendo arriscado afirmar que Fátima é uma poética, a estas interseções, interceções e intercessões, terei de chamar humildemente *sacramento da cura*. Digo-o, porque era eu a criança que trazia na mão a vela a arder e ia vestido de anjo; e havia pessoas de joelhos... uns sangravam, outros choravam compulsivamente. Eu estava no vórtice do paroxismo, sem saber ainda o significado de *vórtice* nem o de *paroxismo*; sem saber ainda que essencial era a situação da filha de Jairo, a menina moribunda com doze anos; sem saber ainda que a situação da hemorroísa, há doze anos enferma, era apenas circunstancial. Só aceitando que a situação da hemorroísa era circunstancial é que podemos dar graças pelo dom de Fátima: porque Fátima é a *orla do manto*, lugar de interseção, interceção e intercessão, a periferia onde acontece a cura – «A tua fé te salvou».

Creio que só o perceberemos se aceitarmos que Fátima é uma poética e que as grandes histórias não são *edificantes*. Digo-o, porque era eu a criança que estava no vórtice do paroxismo; e havia pessoas que não tinham sido os primeiros convidados, pessoas que traziam no rosto a erosão das encruzilhadas. E por entre as ruínas dos corpos, uma luz

parecia irromper, um traje nupcial pressentido. Através das grossas lentes dos meus óculos, aquelas pessoas pareciam curadas. Hoje, passados tantos anos, parece-me evidente: Fátima é a *orla do manto*, um lugar onde os peregrinos – os convidados da última hora, desta nossa desencantada 25.^a hora – procuram tocar... e acabam tocados.

Jesus está a passar, focado na casa de Jairo... e, aqui, alguém segreda a si mesmo, na intimidade obscura da sua enfermidade: «Se ao menos tocar as suas roupas...». É verdade que a narrativa não termina no versículo 34. No final, escutar-se-á esse impressionante *Talítha kum*. Por isso é circunstancial o fenómeno de Fátima. Neste intervalo há o toque que dirige o que medeia o tangível e o intangível; acontece o encontro e escuta-se: «A tua fé te salvou». É circunstancial. Como não dar graças por este dom?

Agrada-me que sejamos teologicamente rigorosos. Substitua-se *aparição* por *visão*. *Nihil obstat*. Hoje prefiro o rigor poético⁸: o que aqui aconteceu foi uma visitação. Ou seja: na visão daquelas três crianças, fomos visitados.

E, como disse inicialmente, a *graça* implica esse tempo em que somos visitados, com a consciência de que deixar-se visitar implica o elemento de expectativa, como nos recorda Paul Tillich: «Não é fácil pregar cada domingo sem se elevar a pretensão de *possuir* Deus e de poder dispor dele. Não é fácil pregar Deus às crianças e aos pagãos, aos célicos e aos ateus, e ter de lhes explicar, ao mesmo tempo, que nós próprios não possuímos Deus, mas que o esperamos. Eu estou convencido de que a resistência ao cristianismo vem em grande parte do facto dos cristãos, abertamente ou não, erguerem a pretensão de possuir Deus e terem assim perdido o elemento de expectativa»⁹.

8. Desde a perspectiva de Chantal Maillard: *La creación por la metáfora – Introducción a la razón-poética*, Barcelona, Anthropos, 1992.

9. Paul Tillich, *The Shaking of the Foundations*, Londres, Pelican Books, 1963, p. 152.

Fátima é um lugar onde nos expomos à misericórdia de Deus, um lugar de espera... onde somos visitados. Na urdidura de tantos desencontros, nas arestas de tanta desesperança, recordo o final desse extraordinário *Diário de um Pároco de Aldeia*, de Georges Bernanos: «Que importa? Tudo é graça»¹⁰.

10. Georges Bernanos, *Diário de um Pároco de Aldeia*, Lisboa, Editorial Verbo, 1992, p. 239.

02

«VIM PARA VOS PEDIR
QUE VENHAIS AQUI»

PASSOS NO SANTUÁRIO

«O QUE É QUE VOSSEMECÊ ME QUER?»

RECORDAR O ACONTECIMENTO DE FÁTIMA, NA BASÍLICA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE FÁTIMA

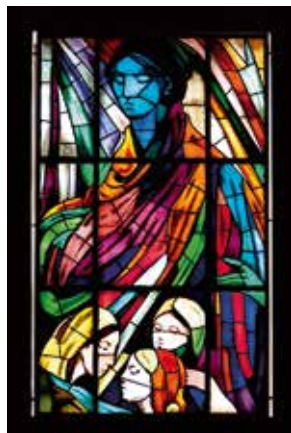
APARIÇÕES DO ANJO NO ANO DE 1916

PRIMEIRA APARIÇÃO DO ANJO

*Loca do Cabeço, Pregueira nos Valinhos
Primavera de 1916*

– Não temais! Sou o Anjo da Paz. Orai comigo.
E ajoelhando em terra, curvou a fronte até ao
chão. Levados por um movimento sobrenatural,
imitámo-lo e repetimos as palavras que lhe ouvi-
mos pronunciar:
– Meu Deus, eu creio, adoro, espero e amo-vos.
Peço-vos perdão para os que não crêem, não ado-
ram, não esperam, e não vos amam.
Depois de repetir isto três vezes, ergueu-se e disse:
– Orai assim. Os corações de Jesus e Maria estão
atentos à voz das vossas súplicas.

Memórias da Irmã Lúcia, 169.



SEGUNDA APARIÇÃO DO ANJO

Quintal da casa de Lúcia, junto ao Poço do Arneiro

Verão de 1916

– Que fazeis? Orai! Orai muito! Os Corações de Jesus e Maria têm sobre vós desígnios de misericórdia. Oferecei constantemente ao Altíssimo orações e sacrifícios.

– Como nos havemos de sacrificar? – perguntei.

– De tudo que puderdes, oferecei um sacrifício em acto de reparação pelos pecados com que Ele é ofendido e de súplica pela conversão dos pecadores. Atraí, assim, sobre a vossa Pátria a paz. Eu sou o Anjo da sua guarda, o Anjo de Portugal. Sobre tudo aceitai e suportai com submissão o sofrimento que o Senhor vos enviar.

Memórias da Irmã Lúcia, 170.



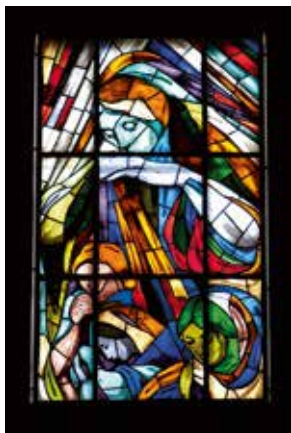
TERCEIRA APARIÇÃO DO ANJO

Loca do Cabeço

Outono de 1916

[...] trazendo na mão um cálice e sobre ele uma Hóstia, da qual caíam, dentro do cálice, algumas gotas de sangue. Deixando o cálice e a Hóstia suspensos no ar, prostrou-se em terra e repetiu três vezes a oração:

– Santíssima Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo, adoro-Vos profundamente e ofereço-Vos o Preciosíssimo Corpo, Sangue, Alma e Divindade de Jesus Cristo, presente em todos os Sacrários da terra, em reparação dos ultrajes, sacrilégios e



indiferenças com que Ele mesmo é ofendido. E pelos méritos infinitos do Seu Santíssimo Coração e do Coração Imaculado de Maria, peço-vos a conversão dos pobres pecadores.

Depois, levantando-se, tomou de novo na mão o cálice e a Hóstia e deu-me a Hóstia a mim e o que continha o cálice deu-o a beber à Jacinta e ao Francisco, dizendo ao mesmo tempo:

– Tomai e bebei o Corpo e o Sangue de Jesus Cristo horivelmente ultrajado pelos homens ingratos. Reparai os seus crimes e consolai o vosso Deus.

Memórias da Irmã Lúcia, 170-171.

APARIÇÕES DE NOSSA SENHORA NO ANO DE 1917

PRIMEIRA APARIÇÃO DE NOSSA SENHORA

Cova da Iria

13 de maio de 1917

– Não tenhais medo! Eu não vos faço mal!
– De onde é Vossemecê? – lhe perguntei.
– Sou do Céu.
– E que é que Vossemecê me quer?
– Vim para vos pedir que venhais aqui, seis meses seguidos, no dia 13 a esta mesma hora. Depois direi quem sou e o que quero. Depois voltarei ainda aqui uma sétima vez. [...] Quereis oferecer-vos a Deus para suportar todos os sofrimentos que Ele quiser enviar-vos, em acto de reparação pelos pecados com que Ele é ofendido e de súplica pela conversão dos pecadores?



– Sim, queremos!

– Ides, pois, ter muito que sofrer, mas a graça de Deus será o vosso conforto.

Foi ao pronunciar estas últimas palavras (a graça de Deus, etc.) que abriu pela primeira vez as mãos, comunicando-nos uma luz tão intensa, como que reflexo que delas expedia, que penetrando-nos no peito e no mais íntimo da alma, fazendo-nos ver a nós mesmos em Deus, que era essa luz, mais claramente que nos vemos no melhor dos espelhos. Então por um impulso íntimo também comunicado, caímos de joelhos e repetíamos intimamente:

– Ó Santíssima Trindade, eu vos adoro. Meu Deus, meu Deus, eu Vos amo no Santíssimo Sacramento.

Passados os primeiros momentos, Nossa Senhora acrescentou:

– Rezem o Terço todos os dias, para alcançarem a paz para o mundo e o fim da guerra.

Memórias da Irmã Lúcia, 172-173.



SEGUNDA APARIÇÃO DE NOSSA SENHORA

Cova da Iria

13 de junho de 1917

– Queria pedir-lhe para nos levar para o Céu.

– Sim; a Jacinta e o Francisco levo-os em breve.

Mas tu ficas cá mais algum tempo. Jesus quer servir-Se de ti para me fazer conhecer e amar. Ele quer estabelecer no mundo a devoção ao meu Imaculado Coração. [A quem a abraçar, prometo a salvação; e serão queridas de Deus estas almas, como flores postas por Mim a adornar o Seu trono].

– Fico cá sozinha? – perguntei, com pena.

– Não, filha. E tu sofres muito? Não desanimes. Eu nunca te deixarei. O meu Imaculado Coração será o teu refúgio e o caminho que te conduzirá até Deus.

Memórias da Irmã Lúcia, 175-176.

TERCEIRA APARIÇÃO DE NOSSA SENHORA

Cova da Iria

13 de julho de 1917

Abriu de novo as mãos, como nos dois meses passados. O reflexo pareceu penetrar a terra e vimos como que um grande mar de fogo. Mergulhados em esse fogo, os demónios e as almas, como se fossem brasas transparentes e negras ou bronzeadas, com forma humana, que flutuavam no incêndio, levadas pelas chamas que delas mesmas saíam juntamente com nuvens de fumo, caindo para todos os lados, semelhante ao cair das faúlhas em os grandes [incêndios], sem peso nem equilíbrio, entre gritos e gemidos de dor e desespero que horrorizava e fazia estremecer de pavor (deveu

ser ao deparar-me com esta vista que dei esse ai! que dizem ter-me ouvido). Os demónios distinguiram-se por formas horríveis e asquerosas de animais espantosos e desconhecidos, mas transparentes como negros carvões em brasa. Assustados e como que a pedir socorro, levantámos a vista para Nossa Senhora, que nos disse com bondade e tristeza:

– Vistes o inferno, para onde vão as almas dos pobres pecadores; para as salvar, Deus quer estabelecer no mundo a devoção a Meu Imaculado Coração. Se fizerem o que Eu vos disser, salvar-se-ão muitas almas e terão paz. A guerra vai acabar. Mas, se não deixarem de ofender a Deus,



no reinado de Pio XI começará outra pior. Quando virdes uma noite alumiada por uma luz desconhecida, sabeí que é o grande sinal que Deus vos dá de que vai a punir o mundo de seus crimes, por meio da guerra, da fome e de perseguições à Igreja e ao Santo Padre.

Para a impedir virei pedir a consagração da Rússia a meu Imaculado Coração e a comunhão reparadora nos primeiros sábados. Se atenderem a Meus pedidos, a Rússia se converterá e terão paz; se não, espalhará seus erros pelo mundo, promovendo guerras e perseguições à Igreja. Os bons serão martirizados, o Santo Padre terá muito que sofrer, várias nações serão aniquiladas. Por fim o Meu Imaculado Coração triunfará. O Santo Padre consagrar-me-á a Rússia, que se converterá, e será concedido ao mundo algum tempo de paz. Em Portugal conservar-se-á sempre o dogma da Fé.

Depois das duas partes que já expus, vimos ao lado esquerdo de Nossa Senhora um pouco mais alto um Anjo com uma espada de fogo em a mão esquerda; ao cintilar, despedia chamas que parecia iam incendiar o mundo; mas apagavam-se com o contacto do brilho que da mão direita expedia Nossa Senhora ao seu encontro: O Anjo apontando com a mão direita para a terra, com voz forte disse: “Penitência, Penitência, Penitência!” E vimos numa luz imensa que é Deus algo semelhante a como se vêem as pessoas num espelho quando lhe passam por diante um Bispo vestido de Branco; tivemos o pressentimento de que era o Santo Padre. Vários outros Bispos, Sacerdotes, religiosos e religiosas subir uma escabrosa montanha, no cimo da qual estava uma grande Cruz de troncos toscos como se fora de sobreiro com a casca; o Santo Padre, antes de chegar aí, atravessou uma grande cidade meia em ruínas, e meio trémulo, com andar vacilante, acabrunhado de dor e pena, ia orando pelas almas dos cadáveres que encontrava pelo caminho; chegado ao cimo do monte, prostrado de joelhos aos pés da grande Cruz, foi morto por um grupo de soldados que lhe dispararam vários tiros e setas, e assim mesmo foram morrendo uns atrás outros os Bispos,

Sacerdotes, religiosos e religiosas e várias pessoas seculares, cavalheiros e senhoras de várias classes e posições. Sob os dois braços da Cruz estavam dois Anjos cada um com um regador de cristal em a mão, neles recolhiam o sangue dos Mártires e com ele regavam as almas que se aproximavam de Deus.

Memórias da Irmã Lúcia, 176-177 e 213.

QUARTA APARIÇÃO DE NOSSA SENHORA

Valinhos

19 de agosto de 1917

– Rezaí, rezaí muito e fazei sacrifícios por os pecadores, que vão muitas almas para o inferno por não haver quem se sacrifique e peça por elas.

Memórias da Irmã Lúcia, 178-179.



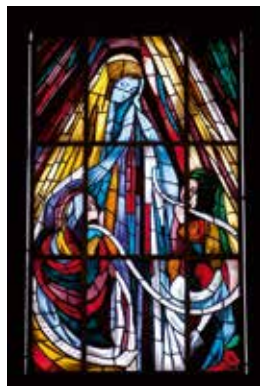
QUINTA APARIÇÃO DE NOSSA SENHORA

Cova da Iria

13 de setembro de 1917

– Continuem a rezar o Terço a Nossa Senhora do Rosário, todos os dias, [que abrande ela a guerra] para alcançarem o fim da guerra. Em Outubro virá também Nosso Senhor, Nossa Senhora das Dores e do Carmo, S. José com o Menino Jesus para abençoarem o Mundo. Deus está contente com os vossos sacrifícios, mas não quer que durmais com a corda; trazei-a só durante o dia.

Memórias da Irmã Lúcia, 179.



SEXTA APARIÇÃO DE NOSSA SENHORA



Cova da Iria

13 de outubro de 1917

– Que é que Vossemecê me quer?
– Quero dizer-te que façam aqui uma capela em Minha honra, que sou a Senhora do Rosário, que continuem sempre a rezar o Terço todos os dias. A guerra vai acabar e os militares voltarão em breve para as suas casas. [...]

Não ofendam mais a Nosso Senhor que já está muito ofendido!
E, abrindo as mãos, fê-las reflectir no Sol. E enquanto que se elevava, continuava o reflexo da sua própria luz a projectar no Sol. [...]
Desaparecida Nossa Senhora na imensa distância do firmamento, vimos, ao lado do sol, S. José com o Menino e Nossa Senhora vestida de branco, com um manto azul. São José com o Menino pareciam abençoar o Mundo, com os gestos que faziam com a mão em forma de cruz. Pouco depois, desvanecida esta aparição, vi Nosso Senhor e Nossa Senhora que me dava a ideia de ser Nossa Senhora das Dores. Nosso Senhor parecia abençoar o mundo da mesma forma que São José. Desvaneceu-se esta aparição e pareceu-me ver ainda Nossa Senhora em forma semelhante a Nossa Senhora do Carmo.

Memórias da Irmã Lúcia, 180-181.

SÉTIMA APARIÇÃO DE NOSSA SENHORA

Cova da Iria

15 de junho de 1921, véspera da partida de Lúcia para o asilo do Vilar

De novo, em Fátima, guardei inviolável o meu segredo. Mas a alegria que senti ao despedir-me do Senhor Bispo, durou pouco tempo.

Lembrava-me dos meus familiares, da casa paterna, da Cova da Iria, Cabeço, Valinhos, do poço... e agora deixar tudo, assim, de uma vez para sempre? Para ir não sei bem para onde...? Disse ao Sr. Bispo que sim, mas agora vou dizer-lhe que me arrependi e que para aí não quero ir. [...]

Assim solícita, mais uma vez desceste à terra, e foi então que senti a Tua mão amiga e maternal tocar-me no ombro; levantei o olhar e vi-Te, eras Tu, a Mãe bendita a dar-me a mão e a indicar-me o caminho; os Teus lábios descerraram-se e o doce timbre da tua voz restituiu a luz e a paz à minha alma: «Aqui estou pela sétima vez, vai, segue o caminho por onde o Senhor Bispo te quiser levar, essa é a vontade de Deus».

Boletim Bem-aventurados Francisco e Jacinta Marto, janeiro-março 2006.

APARIÇÕES DE NOSSA SENHORA, DO MENINO JESUS E DA SANTÍSSIMA TRINDADE, DE 1925 A 1929

APARIÇÃO DE NOSSA SENHORA

Quarto da Lúcia, em Pontevedra

10 de dezembro de 1925

– Olha, minha filha, o Meu Coração cercado de espinhos, que os homens ingratos a todos os momentos Me cravam, com blasfêmias e ingratidões. Tu, ao menos, vê de Me consolar e diz que todos aqueles que durante cinco meses, ao primeiro sábado, se confessarem, receberem a Sagrada Comunhão, rezarem o Terço e me fizerem 15 minutos de companhia, meditando nos 15 Mistérios do Rosário com fim de Me desagrarar, Eu prometo assistir-lhes, na hora da morte, com todas as graças necessárias para a salvação dessas almas.

Memórias da Irmã Lúcia, 192.

APARIÇÃO DO MENINO JESUS

Quintal, em Pontevedra

15 de fevereiro de 1926

No dia 15-2-1926, voltando eu lá, como é costume, encontrei ali uma criança que me parecia ser a mesma e perguntei-lhe então:

– Tens pedido o Menino Jesus à Mãe do Céu?

A Criança volta-se para mim e diz:

– E tu tens espalhado, pelo mundo, aquilo que a Mãe do Céu te pediu?

Memórias da Irmã Lúcia, 193-194.

APARIÇÃO DA SANTÍSSIMA TRINDADE E NOSSA SENHORA

Capela da comunidade das Doroteias, em Tuy

13 de junho de 1929

A única luz era a da lâmpada. De repente, iluminou-se toda a capela com uma luz sobrenatural e sobre o altar apareceu uma Cruz de luz que chegava até ao tecto.

Em uma luz mais clara via-se, na parte superior da Cruz, uma face de homem com o corpo até à cinta, sobre o peito uma pomba também de luz e, pregado na Cruz, o corpo de outro homem. Um pouco abaixo da cinta, suspenso no ar, via-se um cálice e uma hóstia grande, sobre a qual caíam algumas gotas de sangue que corriam pelas faces do Crucificado e de uma ferida do peito.

Escorregando pela Hóstia, essas gotas caíam dentro do Cálice.

Sob o braço direito da Cruz estava Nossa Senhora («era Nossa Senhora de Fátima com seu Imaculado Coração ... na mão esquerda, ... sem espada nem rosas, mas com uma coroa de espinhos e chamas») com seu Imaculado Coração na mão...

Sob o braço esquerdo, umas letras grandes, como se fossem de água cristalina que corresse para cima do altar, formavam estas palavras:

RECORDAR O ACONTECIMENTO DE FÁTIMA...

«Graça e Misericórdia».

Compreendi que me era mostrado o mistério da Santíssima Trindade, e recebi luzes sobre este mistério que me não é permitido revelar.

Memórias da Irmã Lúcia, 195-196.

«NÃO TE ESQUEÇAS LÁ DE MIM»

REZAR COM OS SANTOS FRANCISCO E JACINTA, JUNTO AOS SEUS TÚMULOS

Junto ao túmulo do Francisco, deixo-me tocar pelo seu exemplo de vida centrada em Deus.

Um dia, ao sair de casa, notei que o Francisco andava muito devagar.

– Que tens? – lhe perguntei – Parece que não podes andar!

– Dói-me muito a cabeça e parece que vou a cair.

– Então não venhas; fica em casa.

– Não fico! Quero antes ficar na Igreja, com Jesus escondido, enquanto que tu vais à escola.

Memórias da Irmã Lúcia, 160.

São Francisco Marto, amigo de Jesus escondido,
que aprendeste da Senhora do Rosário a contemplar os mistérios
da vida de Cristo,
ora por mim junto do Pai
para que também o meu olhar se encha da ternura de Deus
e o meu coração seja habitado por um desejo de ser todo dele.

Junto ao túmulo da Jacinta, deixo-me tocar pelo seu exemplo de vida doado em favor dos demais.

Chegou também o dia de [Jacinta] ir para o hospital, onde, na verdade, teve muito que sofrer. Quando a mãe a foi visitar, perguntou-lhe se queria alguma coisa. Disse-lhe que queria ver-me. Minha tia, ainda que com inúmeros sacrifícios, lá me levou, logo que pôde voltar. Logo que me viu, abraçou-me com alegria e pediu à mãe que me deixasse ficar e fosse a fazer compras. Perguntei-lhe, então, se sofria muito.

– Sofro, sim; mas ofereço tudo pelos pecadores e para reparar o Imaculado Coração de Maria.

Depois falou com entusiasmo de Nosso Senhor e de Nossa Senhora e dizia:

– Gosto tanto de sofrer por Seu amor! Para dar-Lhes gosto! Eles gostam muito de quem sofre para converter os pecadores.

Esse tempo destinado para a visita passou rápido; e minha tia lá estava para me levar. Perguntou à sua filhinha se queria alguma coisa. Pediu para me trazer outra vez, quando voltasse a vê-la. E minha boa tia, que queria dar gosto à sua filhinha, lá me levou uma segunda vez. Encontrei-a com a mesma alegria por sofrer por amor de nosso bom Deus, do Imaculado Coração de Maria, pelos pecadores e pelo Santo Padre; era o seu ideal, era no que falava.

Memórias da Irmã Lúcia, 61-62.

Santa Jacinta Marto, menina de um coração bom,
que aprendeste da Senhora do Coração Imaculado os gestos de
cuidado e compaixão,
ora por mim junto do Pai
para que também o meu coração se expanda para acolher os que
mais sofrem
e me comprometa verdadeiramente com o bem de quantos me
rodeiam.

E, em comunhão com todos os peregrinos de Fátima, elevo a Deus a minha oração, por intercessão dos santos Francisco e Jacinta.

Deus de bondade e fonte de santidade,
que fizestes dos
Bem-aventurados Francisco e Jacinta Marto
duas candeias para iluminar a humanidade,
exaltai os humildes que na Vossa luz veem a luz,
a fim de que a todos seja dado contemplar os caminhos
que conduzem ao Vosso coração.
Por Nosso Senhor Jesus Cristo, Vosso Filho,
que é Deus convosco na unidade do Espírito Santo.
Ámen.

Junto ao túmulo da Jacinta, encontra-se também sepultada a vidente de Fátima Lúcia de Jesus, cujo processo de beatificação está em curso. A sua vida é pautada por uma constante busca de fidelidade à vontade do Pai. Aqui, posso escutar o seu testemunho de fidelidade e rezar pela sua beatificação.

Aqui está o meu caminho, renunciar a mim mesma, abraçar a Cruz que o Senhor me deu, por amor a Ele e ao próximo por Ele, para assim, pela Sua infinita misericórdia, me ser um dia concedida a graça de ser recebida nas moradas eternas do Céu. Porque o amor é que nos purifica, dignifica e unifica com Deus.

S. João diz-nos que Deus é amor, por isso, só o amor nos pode levar a mergulhar no imenso Ser de Deus, a ser um com Deus.

Mas este amor não se contenta em ser feliz; quer levar o próximo a partilhar com ele da mesma felicidade.

Como vejo a mensagem, 32.

Santíssima Trindade,
Pai, Filho e Espírito Santo,
adoro-Vos profundamente e Vos agradeço
as aparições da Santíssima Virgem em Fátima
para manifestar ao mundo as riquezas do seu Coração Imaculado.
Pelos méritos infinitos do Santíssimo Coração de Jesus
e do Coração Imaculado de Maria,
peço-Vos que, se for para vossa maior glória e bem das nossas almas,
Vos digneis glorificar, diante da Santa Igreja,
a Irmã Lúcia, pastorinha de Fátima,
concedendo-nos, por sua intercessão, a graça que Vos pedimos.
Ámen.

«ATRAVESSOU UMA GRANDE
CIDADE MEIA EM RUÍNAS»

PERCORRER A VIA-SACRA, NAS COLUNATAS DA BASÍLICA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DE FÁTIMA

Nota

Na esteira da reflexão que a Igreja inúmeras vezes tem sublinhado, entendendo que a arte é lugar teológico, a meditação dos catorze passos da Via-Sacra partiu das estações que em 1955 Lino António pintou para a Colunata do Santuário de Fátima.

Contudo, os textos podem ser apresentados como mote à oração, mesmo que se tenha de prescindir da visualização das obras de arte.



Canto inicial

Senhor, Vós sois o caminho, a verdade e a vida do mundo (refrão).

Signação

V. Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

R. Ámen.

Oração

Senhor Jesus,

Tu és o Caminho, a Verdade e a Vida.

Senhor Jesus,

quero contemplar a estrada de amor que fizeste até ao Calvário,

porque Tu és o Caminho;

quero seguir os passos da tua dor, porque Tu és a Verdade;

quero experimentar o teu amor em todos os instantes da minha existência,

porque Tu és a Vida.

Senhor Jesus,

faz-me peregrino da Tua Paixão

e participante da Tua Gloriosa Ressurreição.

Ámen.



I Estação

Jesus é condenado à morte

V. Nós Vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus,

R. Que pela Vossa santa cruz remistes o mundo.

Do Evangelho segundo São Marcos

Tomando novamente a palavra,

Pilatos disse-lhes:

«Então que quereis que faça daquele
a quem chamais rei dos judeus?»

Eles gritaram novamente:

«Crucifica-o!»

Pilatos, desejando agradar à multidão,
soltou-lhes Barrabás;
e, depois de mandar flagelar Jesus,
entregou-o para ser crucificado.

Meditação

Senhor Jesus, vejo-te por entre tantos homens e mulheres. Distingo já o teu rosto e a tua veste branca que um dia Pedro, Tiago e João viram no monte Tabor. No palácio, teus pés descalços mostram a tua inocência, mas as tuas mãos estão já manietadas frente aos que se sentam nas cátedras do poder. Enquanto a água escorre para apaziguar as consciências dos reinos deste mundo, os soldados perfilam-se para te conduzir ao trono da glória. O arco que constroem com as suas silhuetas é a casa da antiga civilização. Mas esses palácios e templos não foram edificadas por Deus, porque só tu és o palácio e o templo, só tu és a verdadeira coluna luminosa que liga o céu à terra.

Senhor Jesus, contigo, nesta hora, rezo por todos os que são vítimas de sentença iníqua:

V. Senhor, tende piedade de nós!

R. Senhor, tende piedade de nós!

Pai nosso...

Canto: versículo 1 seguido de refrão



II Estação

Jesus abraça a cruz

V. Nós Vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus,

R. Que pela Vossa santa cruz remistes o mundo.

Do Evangelho segundo São Marcos

Depois de o terem escarnecido,
tiraram-lhe o manto de púrpura
e revestiram-no das suas vestes.

Levaram-no, então, para o crucificarem.

Meditação

Senhor Jesus, inicio o teu caminho. Olho e vejo-te à frente; para mim, vais sempre à frente. A cruz que tu abraças é a que vejo a abrir todas as caminhadas dos teus discípulos. Por entre os soldados, os teus pés começam a trilhar esse caminho que te conduzirá ao lugar do Calvário. Vejo alguns dos teus amigos, ao longe. São muito menos do que os que formavam as multidões que sempre te seguiram. Espera-Te uma longa viagem, com poucos companheiros, e com a certeza de que a companhia mais presente é a cruz que agora se torna imagem clara do cálice que o Pai te preparou. Vais bebê-lo, tal como vais abraçar a cruz que se confunde já com a cor das tuas vestes.

Senhor Jesus, contigo, nesta hora, rezo por todos os que não conseguem caminhar:

V. Senhor, tende piedade de nós!

R. Senhor, tende piedade de nós!

Pai nosso...

Canto: versículo 2 seguido de refrão



III Estação

Jesus cai sob o peso da cruz

- V. Nós Vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus,
R. Que pela Vossa santa cruz remistes o mundo.

Do Livro do profeta Isaías

Foi ferido por causa dos nossos crimes,
esmagado por causa das nossas iniquidades.
O castigo que nos salva caiu sobre ele,
fomos curados pelas suas chagas.

Meditação

Senhor Jesus, o cortejo quer avançar, mas não pode, porque o sentimento do seu caminho está perturbado. Vergado pelo peso da cruz, caíste, pondo em causa todo o caminho de dor. Os algozes ficam aflitos, porque não esperariam que pudesse desaparecer a fonte que alimenta o espetáculo irracional de um ser humano ser levado à morte. Por entre a fúria de cavalos e cavaleiros, continuas a ser o novo Moisés que atravessa o mar que nos separa da antiga condição em que vivemos. Contigo, chegaremos a bom porto, guiados pelo exemplo máximo que se pode traduzir na 'kenosis', o abaixamento de Deus perante os homens. Os teus amigos estão ao longe, veem de longe e sofrem contigo. Também eles se vão esvaziando de todas as certezas e lembrarão as tuas palavras: hei de subir a Jerusalém para abraçar a cruz que esmaga e destrói os que atentam contra a humanidade e a divindade. Senhor Jesus, contigo, nesta hora, rezo por todos os que perdem as forças e caem:

V. Senhor, tende piedade de nós!

R. Senhor, tende piedade de nós!

Pai nosso...

Canto: versículo 3 seguido de refrão



IV Estação

Jesus encontra Sua Mãe

V. Nós Vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus,

R. Que pela Vossa santa cruz remistes o mundo.

Do Evangelho segundo São Lucas

Simeão abençoou-os e disse a Maria, sua mãe:

«Este menino está aqui para queda
e ressurgimento de muitos em Israel
e para ser sinal de contradição;
uma espada trespassará a tua alma.

Assim hão de revelar-se os pensamentos de muitos corações».

Sua mãe guardava todas estas coisas no seu coração.

Meditação

Senhor Jesus, o caminho detém-se por uns instantes e até os mais longínquos olhares se envolvem na comoção. São porventura os instantes mais curtos da vida de uma mãe, mas a humanidade detém-se neste encontro entre o mais belo dos filhos dos homens e a mais bela das criaturas de Deus. Mesmo neste encontro, Ela, a mulher das dores, dá-te a primazia e com o seu olhar, com o seu gesto e com o seu coração diz a todos: «fazei o que Ele vos disser». Estás no centro, porque és o centro do rumo de todos os caminhos. Com os seus braços, apresenta-te ao mundo como outrora te apresentou no templo, e o seu coração continua a guardar todos os teus passos. Como em cada instante, os seus braços são de disponibilidade para te acolher em seu seio, qual discípula predileta que faz a vontade de Deus. O seu nome é Maria e ainda hoje as gerações a proclamam bem-aventurada. Porque acreditou que tu és o centro do tempo e da história.

Senhor Jesus, contigo, nesta hora, rezo por todo aquele que quer ser teu irmão, tua irmã e tua mãe:

V. Senhor, tende piedade de nós!

R. Senhor, tende piedade de nós!

Pai nosso...

Canto: versículo 4 seguido de refrão



V Estação

O Cireneu ajuda Jesus a levar a cruz

V. Nós Vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus,

R. Que pela Vossa santa cruz remistes o mundo.

Do Evangelho segundo São Lucas

Quando o iam conduzindo,

lançaram mão de um certo Simão de Cirene,

que voltava do campo, e carregaram-no com a cruz,
para a levar atrás de Jesus.

Meditação

Senhor Jesus, o peso da tua cruz tem a marca da tua pregação. Nela vemos também o sinal da comunhão fraterna cujos laços vinculam solidariedades humanas e divinas. Todos os braços são fortes ou fracos, conforme o coração é forte ou fraco, para abraçar esse sinal claro onde está a nossa glória. Aos poucos, mesmo desconhecendo a razão, juntam-se braços a esse caminho. Porventura empurrados pelas circunstâncias, assumiremos a tua cruz e tomaremos o seu peso para aliviar a tua carga. O jugo tornar-se-á mais leve, porque é suportado pelo amor que o teu coração ajoelhado emana. E assim nos receberemos uns aos outros como o discípulo amado receberá a tua mãe, abraçando aquela que é imagem de todos os teus discípulos.

Senhor Jesus, contigo, nesta hora, rezo por todos os que se fazem transportadores da cruz do seu irmão:

V. Senhor, tende piedade de nós!

R. Senhor, tende piedade de nós!

Pai nosso...

Canto: versículo 5 seguido de refrão



VI Estação

A Verónica limpa o rosto de Jesus

V. Nós Vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus,

R. Que pela Vossa santa cruz remistes o mundo.

Do Livro dos Salmos

Senhor, nosso Deus, fazei-nos voltar.

Mostrai-nos o Vosso rosto e seremos salvos.

Meditação

Senhor Jesus, por entre tantos sulcos infligidos pelos gestos mais terríveis que açoitam, a dor humana faz nascer a face luminosa do mais belo rosto que algum dia foi visto na Terra. Alguns não percebem porque estás parado diante de uma mulher e continuam a querer chegar ao momento da morte. Mas o caminho que te leva ao Calvário é agora a prova de que as palavras antigas se concretizam na nossa vida: os nossos olhos contemplam já a tua bondade e a tua face é para nós o rosto do Deus vivo. Já não é preciso o véu para estar com Deus, porque o Deus Connosco imprimiu a sua face na nossa humanidade. E agora, como aquela mulher que te encontrou no caminho da cruz, fico de pé, mostrando essa túnica branca onde a tua face está impressa. Agora, como todos os homens e mulheres que te seguem, quero vestir-me de ti, da tua face luminosa e o véu luminoso que transfigura há de ser a minha veste.

Senhor Jesus, contigo, nesta hora, rezo por todos os que procuram manter a veste batismal com o brilho da tua face:

V. Senhor, tende piedade de nós!

R. Senhor, tende piedade de nós!

Canto: versículo 6 seguido de refrão



VII Estação

Jesus cai pela segunda vez

V. Nós Vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus,

R. Que pela Vossa santa cruz remistes o mundo.

Do Evangelho segundo São Lucas

Cheio de angústia,
pôs-se a orar mais instantemente,
e o suor tornou-se-lhe como
grossas gotas de sangue,
que caíam na terra.

Meditação

Senhor Jesus, o cortejo da dor detém-se novamente, pois as forças humanas desfalecem. O companheiro que te ajuda parece desanimado e o seu rosto está já envelhecido. As lanças dos soldados erguem-se e contradizem o sinal claro que a tua Paixão nos traz: a vitória é essa linha que une o céu e a terra, mas não é a lança que a desenha, antes a cruz que faz coincidir a dimensão humana com a divina. Só a tua cruz pode ser pontífice para chegarmos à vitória, ainda que não entendamos a razão pela qual tenhamos de cair tantas vezes, ainda que não entendamos a razão pela qual tenhamos de te ver caído por terra.

Senhor Jesus, contigo, nesta hora, rezo por todos os que não entendem o sofrimento:

V. Senhor, tende piedade de nós!

R. Senhor, tende piedade de nós!

Pai nosso...

Canto: versículo 7 seguido de refrão



VIII Estação

Jesus encontra as mulheres de Jerusalém

V. Nós Vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus,

R. Que pela Vossa santa cruz remistes o mundo.

Do Evangelho segundo São Lucas

Seguiam Jesus uma grande multidão de povo
e umas mulheres que batiam no peito
e se lamentavam por Ele.

Jesus voltou-se para elas e disse-lhes:

«Filhas de Jerusalém, não choreis por mim,
chorai antes por vós mesmas e pelos vossos filhos».

Meditação

Senhor Jesus, ouço tantas vozes ao teu redor. Mas por um instante deixei de ouvir os chicotes, os açoites, as pedras do chão por onde a cruz arrasta, as lanças que tilintam a fazer lembrar os metais vis do poder. Agora ouço os gritos e gemidos de umas mulheres que todos consideram piedosas. A sua expressão de angústia é louvor certo, porque choram o rei dos reis e senhor dos senhores. Sabem que te ouviram falar da bem-aventurança e veem como vives todas as linhas do novo decálogo: pobre em espírito e humilde de coração, choraste e tiveste fome e sede de justiça; misericordioso e puro de coração, promoveste a paz e sofreste perseguição por amor da justiça; insultado e perseguido, foste difamado por amor do Reino.

Para além das vozes das mulheres, ouve-se a voz da profecia: também hoje a humanidade continua a chorar, por si e pelos seus filhos.

Senhor Jesus, contigo, nesta hora, rezo por todos os que hoje continuam a chorar e a sofrer por amor do Reino:

V. Senhor, tende piedade de nós!

R. Senhor, tende piedade de nós!

Pai nosso...

Canto: versículo 8 seguido de refrão



IX Estação

Jesus cai pela terceira vez

V. Nós Vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus,

R. Que pela Vossa santa cruz remistes o mundo.

Do Livro das Lamentações

É bom para o homem suportar

o jugo desde a sua juventude.

Que esteja solitário e silencioso,

quando o Senhor o impuser sobre ele;

que ponha sua boca no pó:

talvez haja esperança!

Que dê sua face a quem o fere

e se sacie de opróbrios.

Meditação

Senhor Jesus, estão todos de pé e o teu corpo confunde-se com a terra, com essa horizontalidade que leva ao aniquilamento de Deus. De condição divina, não te vales da igualdade com Deus, mas deixas-te prostrar sublinhando que a entrega chega ao ponto reverencial diante do ser humano. Que Deus é este que está com os homens deste modo? Que Deus é este que se deixa olhar de cima? És tu, Senhor Jesus, o Deus companheiro da humanidade que caminha.

Senhor Jesus, contigo, nesta hora, rezo por todos os que olham para Deus como se fossem deuses.

V. Senhor, tende piedade de nós!

R. Senhor, tende piedade de nós!

Pai nosso...

Canto: versículo 9 seguido de refrão



X Estação

Jesus é despojado das vestes

V. Nós Vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus,

R. Que pela Vossa santa cruz remistes o mundo.

Do Livro dos Salmos

Repartem entre si as minhas vestes
e sorteiam a minha túnica.

Meditação

Senhor Jesus, rodeiam-te, de forma solene, porque o passo seguinte é símbolo de todas as humilhações. Depois de todo o caminho feito de sulcos de sangue, sofres agora a maior das indignidades e o teu corpo fica exposto. És despojado dos benefícios da civilização, como sinal claro de que nada mereces. Tudo te é tirado. Os algozes deste mundo montam um cenário de indignidade; formam arco à tua volta para que todos vejam o teu corpo exposto dessa forma ironicamente solene. Para os teus discípulos, o teu corpo está, contudo, santamente exposto. A alvura da túnica com que te víamos resultava, de facto, do teu próprio corpo. A luz incrível que dele vem continua a purificar a nossa consciência, ainda que os nossos olhos estejam habituados aos espetáculos deste mundo.

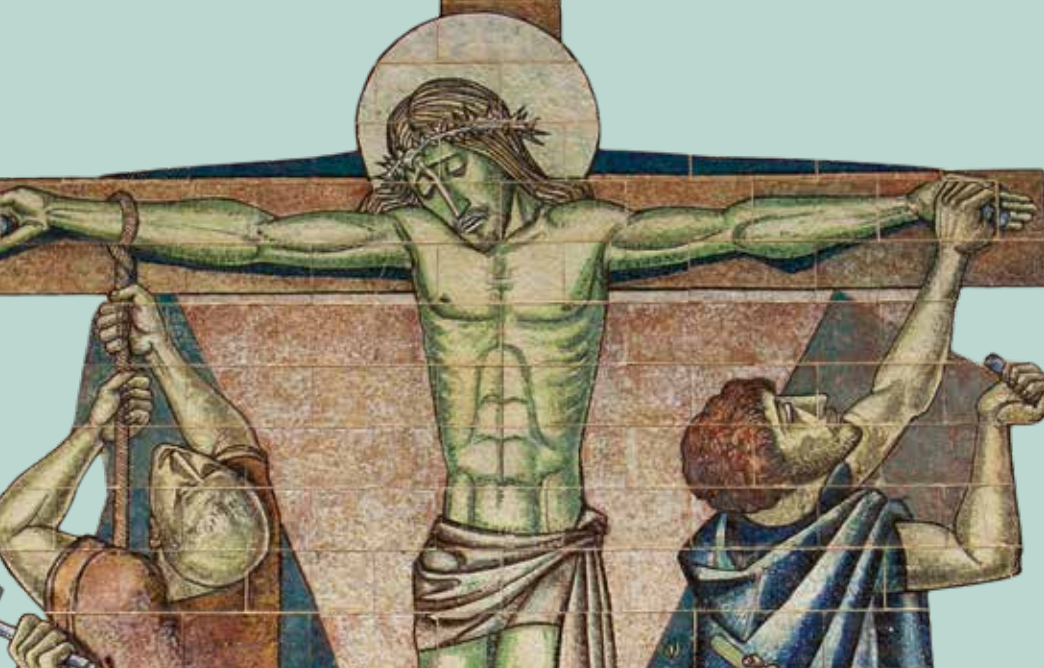
Senhor Jesus, contigo, nesta hora, rezo por todos os que são ludibriados e objeto de abuso no corpo e na alma:

V. Senhor, tende piedade de nós!

R. Senhor, tende piedade de nós!

Pai nosso...

Canto: versículo 10 seguido de refrão



XI Estação

Jesus é pregado na cruz

V. Nós Vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus,

R. Que pela Vossa santa cruz remistes o mundo.

Do Evangelho segundo São João

Então entregou-o para ser crucificado.

Pilatos redigiu um letrero e mandou pô-lo sobre a cruz.

Dizia: «Jesus Nazareno, Rei dos Judeus».

Meditação

Senhor Jesus, sinto a azáfama dos trabalhos que te prendem a essa cruz. Aliás, toda a humanidade sente esse afã dos braços que se movem para te crucificar. E quanto mais observo mais vejo que os rostos dos que te crucificam têm a fisionomia de todos os continentes, de todos os lugares, de todos os tempos, de todas as gerações. Os seus braços são movidos pela maldade que fala ao ímpio e que corrói o seu coração. Assim ficas exposto aos quatro cantos do mundo, atraindo todos a ti. Senhor Jesus, contigo, nesta hora, rezo pela conversão de todos quantos levantam os seus braços contra o justo e crucificam os inocentes:

V. Senhor, tende piedade de nós!

R. Senhor, tende piedade de nós!

Pai nosso...

Canto: versículo 11 seguido de refrão



XII Estação

Jesus morre na cruz

V. Nós Vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus,

R. Que pela Vossa santa cruz remistes o mundo.

Do Evangelho segundo São João

Junto à cruz de Jesus, estavam sua mãe,

a irmã de sua mãe, Maria,

mulher de Cléofas, e Maria de Magdala.

Ao ver sua mãe e, junto dela, o discípulo que Ele amava,

Jesus disse a sua mãe: «Mulher, eis o teu filho».

Depois disse ao discípulo: «Eis a tua mãe».

E, desde aquela hora, o discípulo recebeu-A em sua casa.

Meditação

Senhor Jesus, «tudo está consumado». Assim te o ouvimos, depois de subires ao trono real que é tálamo nupcial e altar da nova aliança, ouvimos todas as tuas palavras. Ouvimos- te dizer: «Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito». Junto à tua cruz está uma pequena multidão, gérmen de uma nova geração que ali foi gerada quando disseste: «Mulher, eis o teu filho!» – «eis a tua mãe!». Desse lugar de onde nos vem a água viva, ouvimos-te clamar: «Tenho sede». E, depois de tudo estar consumado, ouvimos-te as palavras da entrega: «Pai, nas tuas mãos, entrego o meu espírito». Cobrem-se, agora, os nossos rostos de vergonha, porque na cruz está suspensa a salvação do mundo. Perante os olhos da humanidade, ergue-se o mais impressionante quadro da história que tem a cruz por seu centro: a morte e a vida iniciam o duelo admirável. Senhor Jesus, contigo, nesta hora, rezo por todos os que em cada dia morrem, vítimas do ódio e da violência:

V. Senhor, tende piedade de nós!

R. Senhor, tende piedade de nós!

Pai nosso...

Canto: versículo 12 seguido de refrão



XIII Estação

Jesus é descido da cruz

V. Nós Vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus,

R. Que pela Vossa santa cruz remistes o mundo.

Do Evangelho segundo São Mateus

O centurião e os que com ele guardavam Jesus disseram:

«Este era verdadeiramente o Filho de Deus!»

Estavam ali, a observar de longe, muitas mulheres.

Entre elas, estavam Maria de Magdala,

Maria, mãe de Tiago e de José,

e a mãe dos filhos de Zebedeu.

Meditação

Senhor Jesus, continuo no monte calvário, mas a tua cruz já está ao longe, totalmente despida. O teu trono é agora o seio que bem conheces: é o ventre bendito que ainda hoje louvamos, porque nele habitou Aquele cujo o universo não pode conter. Maria tua mãe é também a mãe que há instantes nos deste. O seu regaço agiganta-se cada vez mais, pois é lugar de acolhimento para os teus discípulos que querem formar um corpo, o teu corpo. Alguns deles acompanham-te desde a hora mais alta da história da humanidade. Aí estão eles, gemendo e chorando num vale de lágrimas, as suas mãos levantam orações e os seus rostos dão nota de começarem a resignar. A tua Igreja está de luto e vai encontrar o lugar para descansares na paz.

Senhor Jesus, contigo, nesta hora, rezo por todos os que sofrem a perda dos seus amigos:

V. Senhor, tende piedade de nós!

R. Senhor, tende piedade de nós!

Pai nosso...

Canto: versículo 13 seguido de refrão



XIV Estação

Jesus é depositado no sepulcro

V. Nós Vos adoramos e bendizemos, Senhor Jesus,

R. Que pela Vossa santa cruz remistes o mundo.

Do Evangelho segundo São João

Depois disto, José de Arimateia pediu a Pilatos
que lhe deixasse levar o corpo de Jesus.

E Pilatos permitiu-lho.

Veio, pois, e retirou o corpo.

Nicodemos apareceu também

trazendo uma mistura de perto de cem libras de mirra e aloés.

Tomaram então o corpo de Jesus

e envolveram-no em panos de linho com os perfumes,
segundo o costume dos judeus.

Meditação

Senhor Jesus, já descemos do Calvário e trouxemos o teu corpo. O regaço de tua mãe era imagem da terra que agora se abre para acolher a salvação. Ficarás no sepulcro novo, no qual entras como rei da glória. Os nossos rostos e as nossas mãos tomam a gestualidade da adoração; as pombas, mais que nunca, simbolizam a paz que vem da verdadeira paz que és tu. O beijo com que o discípulo amado te honra, os cuidados com o teu corpo, os perfumes que as mulheres irão comprar antecipam o dia em que a criação será recriada. Não tardará que cantemos juntos: «o Príncipe da vida, morto, reina vivo». Não tardará que a semana conheça mais um dia, o oitavo dia, o dia da nova criação. Senhor Jesus, contigo, nesta hora, rezo por todos os que contigo querem ressuscitar:

V. Senhor, tende piedade de nós!

R. Senhor, tende piedade de nós!

Pai nosso...

Canto: versículo 14 seguido de refrão

Oração final

Senhor Jesus,
Tu és o Caminho, a Verdade e a Vida.
Senhor Jesus,
ao contemplar-te como Caminho,
seja eu merecedor da estrada de amor que fizeste até ao Calvário;
ao seguir-te como Verdade,
seja eu digno dos passos da tua via dolorosa;
ao amar-te como Vida,
seja eu conviva da plenitude do bem.
Senhor Jesus, o mistério da tua Páscoa redentora
reapitula toda a obra da criação
e continua a ecoar no nosso mundo:
em Fátima, ouço ressoar o teu Evangelho,
aqui proclamado pelos lábios da Senhora do Rosário, a Virgem das Dores,
e sinto os nossos dramas envolvidos pelo amor da tua Paixão,
Morte e Ressurreição.
Senhor Jesus,
faz-me peregrino da Tua Paixão
e participante da Tua Gloriosa Ressurreição.
Ámen.

Conclusão

V. O Senhor nos abençoe,
nos livre de todo o mal
e nos conduza à vida eterna.
R. Ámen.

Canto: versículo 15 e 16 seguidos de refrão



Texto: M. D. Duarte

Música: C. Silva

Refrão



Se - nhor Vós sois o ca - mi - nho,
a Ver - da - de e a Vi - da do mun - do.

Versículo



Contemplai o Caminho, a Verdade e a Vi - da,
Adorai o pontífice en - **tre o** céu e a ter - ra!

2. Contemplai as feridas do Salvador,
Adorai as chagas pelas quais fomos curados!
3. Contemplai a Cruz da morte do Senhor,
Adorai Aquele que vive para sempre!
4. Contemplai o filho de Maria, nossa Mãe,
Adorai O que é verdadeiramente filho de Deus!
5. Contemplai que não há dor semelhante à Sua dor,
Adorai a alegria que brota da árvore da Vida!

6. Contemplai Sua cabeça coroada,
Adorai o Rei do céu e da terra no trono da Cruz!
7. Contemplai a cruz de vida adornada,
Adorai o preço da nossa salvação!
8. Contemplai o verde ramo, a verdadeira vide,
Adorai a vinha santa da cruz florida!
9. Contemplai o peso do madeiro,
Adorai o jugo da suavidade.
10. Contemplai Aquele que foi levantado da terra,
Adorai O que agora atrai a si todas as coisas!
11. Contemplai o alto do Calvário,
Adorai a Cruz da nossa Redenção!
12. Contemplai Aquele que trespassaram,
Adorai o Amor que nos salvou!
13. Contemplai o Seu lado aberto,
Adorai o lugar de onde nasceu a Igreja!
14. Contemplai Aquele que adormece tranquilo,
Adorai a paz e o repouso eterno!
15. Contemplai Aquele que esteve morto e agora vive para sempre,
Adorai Aquele que tem as chaves da morte e do abismo!
16. Contemplai Jesus Cristo ressuscitado,
Adorai o Senhor, Caminho, Verdade e Vida!

«REZAI O TERÇO TODOS OS DIAS»

MEDITAR O ROSÁRIO, NA CAPELINHA DAS APARIÇÕES

Mistérios da alegria

I. A ANUNCIAÇÃO À VIRGEM MARIA

Do Evangelho segundo São Lucas (Lc 1,26-31)

O anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade da Galileia chamada Nazaré, a uma virgem desposada com um homem chamado José, da casa de David; e o nome da virgem era Maria. Ao entrar em casa dela, o anjo disse-lhe: «Salve, ó cheia de graça, o Senhor está contigo». Ao ouvir estas palavras, ela perturbou-se e inquiria de si própria o que significava tal saudação. Disse-lhe o anjo: «Maria, não temas, pois achaste graça diante de Deus. Hás de conceber no teu seio e dar à luz um filho, ao qual porás o nome de Jesus».

Virgem do *fiat*,
Senhora do Rosário de Fátima,
roga por nós
para que aprendamos a escutar a vontade de Deus
com disponibilidade para responder contigo: *faça-se em mim segundo a tua palavra.*

II. A VISITA DA VIRGEM MARIA A SUA PRIMA ISABEL

Do Evangelho segundo São Lucas (Lc 1,39-42)

Por aqueles dias, Maria pôs-se a caminho e dirigiu-se à pressa para a montanha, a uma cidade da Judeia. Entrou em casa de Zacarias e saudou Isabel. Quando Isabel ouviu a saudação de Maria, o menino saltou-lhe de alegria no seio e Isabel ficou cheia do Espírito Santo. Então, erguendo a voz, exclamou: «Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre».

Virgem do *magnificat*,
Senhora do Rosário de Fátima,
roga por nós
para que saibamos perscrutar a necessidade de quem nos rodeia
e aprendamos a solicitude, a generosidade e a ação de graças.

III. O NASCIMENTO DE JESUS EM BELÉM

Do Evangelho segundo São Lucas (Lc 1,39-42)

Quando os anjos se afastaram deles em direção ao Céu, os pastores disseram uns aos outros: «Vamos a Belém ver o que aconteceu e que o Senhor nos deu a conhecer». Foram apressadamente e encontraram Maria, José e o menino deitado na manjedoura.

Virgem da alegria,
Senhora do Rosário de Fátima,
roga por nós
para que saibamos acolher o dom da misericórdia nas nossas vidas com a alegria da fé.

IV. A APRESENTAÇÃO DE JESUS NO TEMPLO

Do Evangelho segundo São Lucas (Lc 2,21-22.25-26.34-35)

Quando se completaram os oito dias, para a circuncisão do menino, deram-lhe o nome de Jesus indicado pelo anjo antes de ter sido concebido no seio materno. Quando se cumpriu o tempo da sua purificação, segundo a Lei de Moisés, levaram-no a Jerusalém para o apresentarem ao Senhor. Ora, vivia em Jerusalém um homem chamado Simeão; era justo e piedoso e esperava a consolação de Israel. O Espírito Santo estava nele. Tinha-lhe sido revelado pelo Espírito Santo que não morreria antes de ter visto o Messias do Senhor. Simeão abençoou-os e disse a Maria, sua mãe: «Este menino está aqui para queda e ressurgimento de muitos em Israel e para ser sinal de contradição. Uma espada trespassará a tua alma. Assim hão de revelar-se os pensamentos de muitos corações».

Virgem da apresentação,
Senhora do Rosário de Fátima,
roga por nós
para que saibamos contemplar a beleza da vida plena oferecida em Deus
e a deixemos converter o nosso desamor.

V. A PERDA E ENCONTRO DE JESUS NO TEMPLO

Do Evangelho segundo São Lucas (Lc 2,43.46-47)

Terminados esses dias, regressaram a casa e o menino ficou em Jerusalém, sem que os pais o soubessem. Três dias depois, encontraram-no no templo, sentado entre os doutores, a ouvi-los e a fazer-lhes perguntas. Todos quantos o ouviam, estavam estupefactos com a sua inteligência e as suas respostas.

Virgem do encontro,
Senhora do Rosário de Fátima,
roga por nós
para que tudo na nossa vida se encontre sempre em Deus.

Mistérios da luz

I. O BATISMO DE JESUS NO JORDÃO

Do Evangelho segundo São Mateus (Mt 3,16-17)

Uma vez batizado, Jesus saiu da água e eis que se rasgaram os céus,
e viu o Espírito de Deus descer como uma pomba e vir sobre Ele.
E uma voz vinda do Céu dizia: «Este é o meu Filho muito amado,
no qual pus todo o meu agrado».

Virgem vestida das águas do batismo,
Senhora do Rosário de Fátima,
roga por nós
para que, convocados a participar na missão redentora de Cristo,
nos comprometamos com a conversão das nossas vidas e das vidas dos
demais.

II. A REVELAÇÃO DE JESUS NAS BODAS DE CANÁ

Do Evangelho segundo São João (Jo 2,3-8)

Como viesse a faltar o vinho, a mãe de Jesus disse-lhe: «Não têm
vinho!» Jesus respondeu-lhe: «Mulher, que tem isso a ver contigo
e comigo? Ainda não chegou a minha hora». Sua mãe disse aos
serventes: «Fazei o que Ele vos disser!» Ora, havia ali seis vasilhas
de pedra preparadas para os ritos de purificação dos judeus, com

capacidade de duas ou três medidas cada uma. Disse-lhes Jesus: «Enchei as vasilhas de água». Eles encheram-nas até cima. Então ordenou-lhes: «Tirai agora e levai ao chefe de mesa».

Virgem da intercessão,
Senhora do Rosário de Fátima,
roga por nós
para que aprendamos a viver ao jeito de Caná,
intercedendo pelos irmãos diante de Deus
e testemunhando a presença de Deus entre nós.

III. O ANÚNCIO DO REINO DE DEUS

Do Evangelho segundo São Marcos (Mc 1,14-15)

Depois de João ter sido preso, Jesus foi para a Galileia, e proclamava o Evangelho de Deus, dizendo: «Completo-se o tempo e o Reino de Deus está próximo: arrependei-vos e acreditai no Evangelho».

Virgem bem-aventurada,
Senhora do Rosário de Fátima,
roga por nós
para que a nossa vida se converta e renove
no compromisso com as bem-aventuranças do Reino.

IV. A TRANSFIGURAÇÃO DE JESUS NO MONTE TABOR

Do Evangelho segundo São Marcos (Mc 9,2-4.7)

Seis dias depois, Jesus tomou consigo Pedro, Tiago e João e levou-os, só a eles, a um monte elevado. E transfigurou-se diante deles. As suas vestes tornaram-se resplandecentes, de tal brancura que

lavadeira alguma da terra as poderia branquear assim. Apareceu-lhes Elias, juntamente com Moisés, e ambos falavam com Ele. Formou-se, então, uma nuvem que os cobriu com a sua sombra, e da nuvem fez-se ouvir uma voz: «Este é o meu Filho muito amado. Escutai-o».

Virgem da luz,
Senhora do Rosário de Fátima,
roga por nós
para que, contemplando a luz da Palavra de Deus,
a deixemos fermentar na intimidade da oração
e dar fruto de compromisso com a vida dos demais.

V. A INSTITUIÇÃO DA EUCARISTIA

Do Evangelho segundo São Mateus (Mt 26,26-28)

Enquanto comiam, Jesus tomou o pão e, depois de pronunciar a bênção, partiu-o e deu-o aos seus discípulos, dizendo: «Tomai, comei: Isto é o meu corpo». Em seguida, tomou um cálice, deu graças e entregou-lho, dizendo: «Bebei dele todos. Porque este é o meu sangue, sangue da Aliança, que vai ser derramado por muitos, para perdão dos pecados».

Virgem do dom eucarístico,
Senhora do Rosário de Fátima,
roga por nós
para que, comungando da celebração eucarística,
sejamos conduzidos a uma vida comprometida com o sacrifício redentor.

Mistérios da dor

I. A ORAÇÃO DE JESUS NO HORTO DAS OLIVEIRAS

Do Evangelho segundo São Lucas (Lc 22,39.41-42)

Saiu então e foi, como de costume, para o Monte das Oliveiras. E os discípulos seguiram também com Ele. Quando chegou ao local, disse-lhes: «Orai, para que não entreis em tentação». Depois afastou-se deles, à distância de um tiro de pedra, aproximadamente; e, pondo-se de joelhos, começou a orar, dizendo: «Pai, se quiseres, afasta de mim este cálice; contudo, não se faça a minha vontade, mas a tua».

Virgem do discernimento,
Senhora do Rosário de Fátima,
roga por nós
a fim de estarmos atentos e dispostos a discernir a vontade do Pai.

II. A FLAGELAÇÃO DE JESUS

Do Evangelho segundo São Mateus (Mt 27,22-26)

Pilatos disse-lhes: «Que hei-de fazer, então, de Jesus chamado Cristo?» Todos responderam: «Seja crucificado!» Pilatos insistiu: «Que mal fez Ele?» Mas eles cada vez gritavam mais: «Seja crucificado!» Pilatos, vendo que nada conseguia e que o tumulto aumentava cada vez mais, mandou vir água e lavou as mãos na presença da multidão, dizendo: «Estou inocente deste sangue. Isso é convosco». E todo o povo respondeu: «Que o seu sangue caia sobre nós e sobre os nossos filhos!» Então, soltou-lhes Barrabás. Quanto a Jesus, depois de o mandar flagelar, entregou-o para ser crucificado.

Virgem das dores,
Senhora do Rosário de Fátima,
roga por nós
para que sejamos incansáveis a trabalhar pela justiça e a paz.

III. A COROAÇÃO DE ESPINHOS

Do Evangelho segundo São João (Jo 19,2-3)

Depois, os soldados entrelaçaram uma coroa de espinhos, cravaram-na na cabeça e cobriram-no com um manto de púrpura; e, aproximando-se dele, diziam-lhe: «Salve! Ó Rei dos judeus!» E davam-lhe bofetadas.

Virgem serva do Rei,
Senhora do Rosário de Fátima,
roga por nós
para que deixemos resplandecer no nosso rosto os traços do Reino dos Céus.

IV. JESUS, COM A CRUZ ÀS COSTAS, A CAMINHO DO CALVÁRIO

Do Evangelho segundo São João (Jo 19,17)

Jesus, levando a cruz às costas, saiu para o chamado Lugar da Caveira, que em hebraico se diz Gólgota.

Virgem do caminho,
Senhora do Rosário de Fátima,
roga por nós
para que, acolhendo a presença de Cristo,
sejamos convertidos ao seu caminho de amor.

V. A CRUCIFICAÇÃO E MORTE DE JESUS

Do Evangelho segundo São João (Jo 19,30.33-34)

Jesus disse: «Tudo está consumado». E, inclinando a cabeça, entregou o espírito. Vendo que Jesus já estava morto, não lhe quebraram as pernas. Porém, um dos soldados trespassou-lhe o peito com uma lança e logo brotou sangue e água.

Virgem da misericórdia,
Senhora do Rosário de Fátima,
roga por nós
para que, contemplando o sacrifício definitivo do Filho,
sejamos transformados pelo seu dom até ao extremo
e vivamos em oferta total da nossa vida para bem dos demais.

Mistérios da glória

I. A RESSURREIÇÃO DE JESUS CRISTO

Do Evangelho segundo São Mateus (Mt 28,1-6)

Terminado o sábado, ao romper do primeiro dia da semana, Maria de Magdala e a outra Maria foram visitar o sepulcro. Nisto, houve um grande terramoto: o anjo do Senhor, descendo do Céu, aproximou-se e removeu a pedra, sentando-se sobre ela. O seu aspeto era como o de um relâmpago; e a sua túnica, branca como a neve. Os guardas, com medo dele, puseram-se a tremer e ficaram como mortos. Mas o anjo tomou a palavra e disse às mulheres: «Não tenhais medo. Sei que buscais Jesus, o crucificado; não está aqui, pois ressuscitou, como tinha dito. Vinde, vede o lugar onde jazia».

Virgem do Coração Imaculado,
Senhora do Rosário de Fátima,
roga por nós
para que vivamos animados pela fé na ressurreição.

II. A ASCENSÃO DE JESUS AO CÉU

Do Livro dos Atos dos Apóstolos (At 1,6-9)

Estavam todos reunidos, quando lhe perguntaram: «Senhor, é agora que vais restaurar o Reino de Israel?» Respondeu-lhes: «Não vos compete saber os tempos nem os momentos que o Pai fixou com a sua autoridade. Mas ides receber uma força, a do Espírito Santo, que descerá sobre vós, e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, por toda a Judeia e Samaria e até aos confins do mundo». Dito isto, elevou-se à vista deles e uma nuvem subtraiu-o a seus olhos.

Virgem missionária,
Senhora do Rosário de Fátima,
roga por nós
para que, acolhendo a força do Espírito,
sejamos feitos testemunhas do teu Filho, Jesus Cristo.

III. A VINDA DO ESPÍRITO SANTO

Do Livro dos Atos dos Apóstolos (At 2,1-4)

Quando chegou o dia do Pentecostes, encontravam-se todos reunidos no mesmo lugar. De repente, ressoou, vindo do céu, um som comparável ao de forte rajada de vento, que encheu toda a casa onde eles se encontravam. Viram então aparecer umas línguas, à maneira de fogo, que se iam dividindo, e poisou uma sobre cada um deles. Todos ficaram cheios do Espírito Santo.

Virgem do Pentecostes,
Senhora do Rosário de Fátima,
roga por nós
para que também nós sejamos repletos do Espírito
que faz da nossa vida uma nova criação
e memorial da presença de Deus.

IV. A ASSUNÇÃO DA VIRGEM MARIA

Do Livro do Apocalipse (Ap 12,1)

Apareceu no céu um grande sinal: uma Mulher vestida de Sol, com
a Lua debaixo dos pés e com uma coroa de doze estrelas na cabeça.

Virgem da Assunção,
Senhora do Rosário de Fátima,
roga por nós
para que vivamos com o olhar voltado para Deus.

V. A COROAÇÃO DE MARIA COMO RAINHA DO CÉU E DA TERRA

Do Livro dos Salmos (Sl 44(45),10)

À tua direita está a rainha ornada com ouro de Ofir.

Virgem Rainha,
Senhora do Rosário de Fátima,
roga por nós
para que aguardemos, com jubilosa esperança,
neste tempo da espera,
o triunfo do Coração Imaculado, a última vinda de Cristo Salvador.

«PUS-ME A CAMINHO, REZANDO»

PERCORRER TRAJETOS CATEQUÉTICOS E ORANTES, PELOS LUGARES DO SANTUÁRIO

Peregrino de Fátima, ao chegar ao Santuário, sou convidado a fazer caminho pelos diferentes espaços deste lugar. O Santuário propõe-me três trajetos mistagógicos, que me introduzem no mistério do acontecimento de Fátima e da sua mensagem: o percurso das catequeses murais, nas alamedas do Recinto de Oração, sob o tema “*A luz que é Deus na luz de Fátima, uma luz no mundo*”, e os dois itinerários do peregrino, que convidam à oração pelos lugares do Santuário e pelos lugares das aparições nos Valinhos e em Aljustrel.

I. *A luz que é Deus na luz de Fátima, uma luz no mundo*

Catequeses murais, nas alamedas do Recinto de Oração

É na sua Quarta Memória que Lúcia conta a primeira aparição de Nossa Senhora. Na narrativa pode descobrir-se um itinerário que oferece uma imagem da vida do cristão em relação com *a luz que é Deus*, como dizem os pastorinhos.

Maria é a figura da Igreja que oferece *a luz que é Deus*, que n’Ela brilha e Ela comunica.

Contornando o Recinto de Oração, passo a passo, acolhendo a inter-rogação, o convite à reflexão e à oração que oferecem, quem faz este caminho pode chegar a uma consciência maior da sua condição de batizado: *iluminado por Cristo* (Ritual do Batismo), *a Luz verdadeira, que, ao vir ao mundo, a todo o homem ilumina* (Jo 1,9), *Deus de Deus, Luz da Luz* (Credo), é filho da luz.

O percurso permite também o encontro com São Francisco Marto e Santa Jacinta Marto, *candeias que Deus acendeu* (São João Paulo II).

Caminhando, de passo em passo, descobre-se Fátima como *o manto de luz que cobre a terra* (Papa Francisco) e o sentido das práticas da luz no quotidiano do Santuário.

II. Itinerário do Peregrino,

Pelos lugares do Santuário de Fátima

O itinerário do peregrino proposto no Recinto de Oração do Santuário percorre cinco dos principais locais deste Santuário. O peregrino parte do lugar mais alto, a Cruz. Aí é convidado a reconhecer-se como filho amado e a iniciar o caminho na consciência profunda de que «temos Mãe» (Papa Francisco). Na Basílica de Nossa Senhora do Rosário, encontra a imagem peregrina de Nossa Senhora, junto à Cruz, como Mãe da Igreja, sempre disposta a visitar e a interceder pelos seus filhos. Nesse lugar, onde estão também os túmulos de São Francisco, de Santa Jacinta e da Ir.^a Lúcia, é proposta uma oração que implica o orante na construção da igreja-peregrina de hoje. A Capelinha das Aparições é o lugar incontornável onde, sentindo-se no Coração deste Santuário, o peregrino pode abrir o próprio coração à Senhora-vestida-de-Luz, confiando-lhe todas as suas alegrias e angústias, particularmente através da oração do rosário. O peregrino é, então, conduzido à Capela do

Santíssimo Sacramento, onde, na companhia íntima de Jesus, é convidado a fortalecer o desejo dessa amizade de todas as horas com Deus. O itinerário termina diante da porta principal da Basílica da Santíssima Trindade, onde a representação do Espírito Santo recorda a criação e a graça batismal e estimula à grande esperança cristã que enche de sentido todas as canseiras do caminho.

III. Itinerário do Peregrino,

Pelos lugares das aparições nos Valinhos e em Aljustrel

O itinerário proposto em Aljustrel convida o peregrino a abeirar-se do monumento da Senhora dos Valinhos, lugar da aparição de agosto, que traz à memória o amor com que somos amados por Deus, para que deixe comover o coração. A partir daí o peregrino é conduzido aos lugares que marcaram a infância dos pastorinhos, a Loca do Cabeço e o Poço do Arneiro, onde é evocada a mensagem confiada pelo Anjo. Aí os pastorinhos aprenderam a colocar Deus no centro da sua vida e o peregrino é convocado a adorá-lo numa atitude de gratidão pelas graças de cada dia.

Posso aprofundar o meu conhecimento do acontecimento, da história e da mensagem de Fátima, visitando:

Museu do Santuário de Fátima

Terça-feira a sábado: 09h00 às 12h00 e 14h30 às 17h30 (última entrada).

Domingos, dias santos e feriados nacionais: 09h00 às 12h00 e 14h30 às 16h30 (última entrada).

Encerra à segunda-feira; dias 13, de manhã (de maio a outubro); dia 24 de dezembro, de tarde; dia 25 de dezembro; dia 1 de janeiro.

Sob o título “Fátima Luz e Paz”, o Santuário de Fátima mostra em exposição permanente as mais importantes peças do seu Museu, fundado em 1955 com o intuito de salvaguardar a memória das aparições e das peregrinações que, desde muito cedo, marcaram a paisagem vivencial da Cova da Iria.

As cores do Sol: a luz de Fátima no mundo contemporâneo

Exposição temporária evocativa da aparição de outubro de 1917
Convivium de Santo Agostinho. Basílica da Santíssima Trindade

09h00 às 19h00 | entrada livre

Tomando como matéria histórica o dia 13 de outubro de 1917 e os relatos diretos e indiretos sobre o Milagre do Sol, a exposição pretende recriar, através de vários mecanismos sensoriais, cenários relacionados com a paisagem do dia da última aparição da Virgem Maria em Fátima. A partir desta memória, o visitante terá consciência de que o Milagre do Sol não foi o momento de clausura da história das aparições, mas o dia inicial de uma história em que o peregrino passa a ser verdadeiro protagonista.

Projeção de filmes no Santuário de Fátima

O Santuário disponibiliza gratuitamente a projeção de filmes sobre o acontecimento e a mensagem de Fátima na sala de projeções situada na Colunata Norte, atrás da Azinheira Grande. As reservas podem ser feitas no Posto de Informações do Santuário (presencialmente ou por meio do endereço postoinfo@fatima.pt).

«SOBRE VÓS, DESÍGNIOS DE MISERICÓRDIA»

RECONCILIAR A VIDA COM DEUS, NAS CAPELAS DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS E DO IMACULADO CORAÇÃO DE MARIA

Coloco a minha vida diante de Deus.

Meu Deus, eu creio, adoro, espero e amo-vos.

Peço-vos perdão para os que não creem, não adoram, não esperam
e não vos amam.

Reconheço a presença de Deus na minha vida.

Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim. E a vida que
agora tenho na carne, vivo-a na fé do Filho de Deus que me amou e a si
mesmo se entregou por mim. (Gal 2,20)

Mesmo no meio das nossas ocupações, dos nossos trabalhos, dos nossos
entretenimentos, dos nossos afazeres e recreações, o Senhor deve es-
tar sempre presente no nosso espírito, no nosso coração e nas nossas
intenções, para que em tudo Lhe dêmos gosto e glória, isto é, uma prova
de amor. Devemos, assim, dar gosto ao Senhor, para cativarmos o Seu
olhar de misericórdia sobre nós, de modo que o Senhor Se sinta bem
em nós, em nós Se recreie e descanse, para fazer-nos um com Ele. [...]

Se somos casa de Deus, somos morada onde Ele habita; não deixemos que na nossa casa Ele se encontre só, esquecido, abandonado, menos ainda, que aí seja por nós ofendido. (Irmã Lúcia, *Como vejo a mensagem*, 21)

Silêncio.

Reconheço também a minha infidelidade e o desejo do perdão do Pai.

E, caindo em si, o filho disse: «Quantos jornaleiros de meu pai têm pão em abundância, e eu aqui a morrer de fome! Levantar-me-ei, irei ter com meu pai e vou dizer-lhe: Pai, pequei contra o Céu e contra ti; já não sou digno de ser chamado teu filho; trata-me como um dos teus jornaleiros». E, levantando-se, foi ter com o pai.

Quando ainda estava longe, o pai viu-o e, enchendo-se de compaixão, correu a lançar-se-lhe ao pescoço e cobriu-o de beijos. O filho disse-lhe: «Pai, pequei contra o Céu e contra ti; já não mereço ser chamado teu filho».

Mas o pai disse aos seus servos: «Trazei depressa a melhor túnica e vesti-lha; dai-lhe um anel para o dedo e sandálias para os pés. Trazei o vitelo gordo e matai-o; vamos fazer um banquete e alegrar-nos, porque este meu filho estava morto e reviveu, estava perdido e foi encontrado». E a festa principiou. (Lc 15,17-24)

Que havemos então de fazer? Recuar, voltar atrás, certos de que na casa paterna ainda temos um lugar, um Pai e uma Mãe que nos espera, mudemos de vida e vamos ao seu encontro, aí encontraremos o perdão, a graça e a força para oferecer-Lhes a reparação do nosso passado, com a fidelidade do nosso futuro, com as orações e os sacrifícios que, para ser fiéis a Deus, ao próximo e a nós mesmos, tenhamos que nos impor. (Irmã Lúcia, *Como vejo a mensagem*, 45)

Silêncio.

Dou graças ao Pai por me sentir assim acolhido.

Pai-nosso.

Se a isso me sentir chamado, aproximo-me do sacramento da reconciliação. Na luz de Deus que luzia das mãos da Senhora do Rosário, os pastorinhos viam-se «mais claramente que no melhor dos espelhos». Diante de Deus encontro a minha verdade e sou recordado de que a santidade a que sou chamado é fidelidade a essa verdade, podendo o sacramento da reconciliação ser oportunidade para a acolher.

«ADORO-VOS PROFUNDAMENTE»

COLOCAR A VIDA DIANTE DE DEUS, NA CAPELA DO LAUSPERENE

Coloco a minha vida diante de Deus.

Santíssima Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo, adoro-vos profundamente e ofereço-vos o preciosíssimo Corpo, Sangue, Alma e Divindade de Jesus Cristo, presente em todos os sacrários da terra, em reparação dos ultrajes, sacrilégios e indiferenças com que Ele mesmo é ofendido. E pelos méritos infinitos do seu Santíssimo Coração e do Coração Imaculado de Maria, peço-vos a conversão dos pobres pecadores.

Silêncio.

Escuto o testemunho da vidente Lúcia (Como vejo a mensagem, 18).

Deus é o nosso templo onde nos encontramos submergidos no Ser Imenso de Deus que tudo vê, tudo penetra, a tudo dá o ser e a vida. Como um peixe não vive sem água, nós não vivemos sem Deus. Deus é o grande Oceano onde habitamos, nos movemos, respirando a aragem do sopro Divino com que Deus nos beneficia a cada instante.

É nesse mar que eu vivo, aí me submergi e nunca daí saí. Ele me tomou nos Seus braços de Pai e me conduziu por onde me quis levar. N'Ele acreditei, a Ele me entreguei até que queira transportar-me e levar-me a esse novo dia, onde hei-de servi-l'O, adorá-l'O e amá-l'O para sempre sem fim.

Orai assim: com fé e confiança, humildemente adorando e amando, para que os Corações de Jesus e de Maria possam acolher a vossa oração e levá-la ao Pai, como humilde fruto da Sua obra Redentora.

Silêncio.

Repito interiormente:

Ó Santíssima Trindade, eu Vos adoro. Meu Deus, meu Deus, eu Vos amo no Santíssimo Sacramento.

Escuto a Palavra do Evangelho (Jo 17,17.22-24).

Faz que eles sejam teus inteiramente, por meio da Verdade; a Verdade é a tua palavra. Eu dei-lhes a glória que Tu me deste, de modo que sejam um, como Nós somos Um. Eu neles e Tu em mim, para que eles cheguem à perfeição da unidade e assim o mundo reconheça que Tu me enviaste e que os amaste a eles como a mim. Pai, quero que onde Eu estiver estejam também comigo aqueles que Tu me confiaste, para que contemplem a minha glória, a glória que me deste, por me teres amado antes da criação do mundo.

Silêncio.

Repito interiormente:

Ó Santíssima Trindade, eu Vos adoro. Meu Deus, meu Deus, eu Vos amo no Santíssimo Sacramento.

Dou graças a Deus pelo dom da sua presença.

A minha alma glorifica o Senhor
E o meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador.

Porque pôs os olhos na humildade da sua Serva:
De hoje em diante me chamarão bem-aventurada todas as gerações.
O Todo-Poderoso fez em mim maravilhas:
Santo é o seu nome.

A sua misericórdia se estende de geração em geração
Sobre aqueles que o temem.
Manifestou o poder do seu braço
E dispersou os soberbos.

Derrubou os poderosos de seus tronos
E exaltou os humildes.
Aos famintos encheu de bens
E aos ricos despediu de mãos vazias.

Acolheu a Israel, seu servo,
Lembrado da sua misericórdia,
Como tinha prometido a nossos pais,
A Abraão e à sua descendência para sempre.

Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo,
Como era no princípio, agora e sempre. *Ámen.*

03

«UM HINO DE ETERNA GRATIDÃO
E LOUVOR AO TEU AMOR»

**CÂNTICOS PARA A
PEREGRINAÇÃO A FÁTIMA**

**CÂNTICOS PARA A PEREGRINAÇÃO /
SOBRE A CONDIÇÃO DO PEREGRINO**

Iremos com alegria

Com nobreza *Refrão* *M. Luís*

I - re - mos com a - le - gri - a pa - ra a
ca - sa do Se - nhor. I - re - mos com a - le -
gri - a pa - ra ca - sa do Se - nhor.

Salmo 121

1. Alegrei-me quando *me* dis - serem:
"Va - mos pa - ra a casa *do* Se - nhor".
De - ti - veram-se os *nos* - sos passos
às tu - as portas, Je - - ru - sa - lém.

2. Para lá sobem as tribos, as tribos **do** Senhor,
segundo o costume de Israel, / para celebrar o nome **do** Senhor;
ali **estão** os tribunais **da** justiça,
os tribunais da casa **de** David.
3. Pedi a paz para **Jerusalém**:
"Vivam **seguros** **quantos** te amam.
Haja **paz** dentro **dos** teus muros,
tranquilidade em **teus** palácios".

4. Por amor de meus irmãos *e* amigos,
pedirei a paz *para* ti.
Por amor da *casa do* Senhor,
pedirei para *ti todos* os bens.

Nós somos as pedras vivas

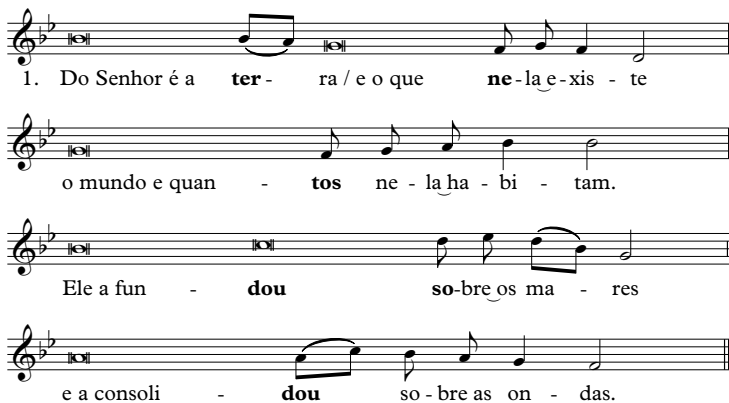
Refrão

F. Santos



Nós so-mos as pe-dras vi - vas do tem-plo do Se-nhor. Nós
so-mos as pe-dras vi - vas do tem-plo do Se-nhor.
Po - vo Sa-cer-do - tal, I - gre - ja San-ta de Deus. Nós
so-mos as pe-dras vi - vas do tem - plo do Se-nhor.

Estrofe



1. Do Senhor é a **ter** - ra / e o que **ne**-la e-xis - te
o mundo e quan - **tos** ne - la ha - bi - tam.
Ele a fun - **dou** so-bre os ma - res
e a consoli - **dou** so - bre as on - das.

- Quem poderá **subir** / à montanha **do** Senhor?
Quem habitará no **seu** santuário?
O que tem as mãos **inocentes** e o **coração** puro,
que não invocou o seu nome em vão / **nem** jurou falso.

3. Este será abençoado pelo Senhor
e recompensado por Deus **seu** Salvador.
Esta é a geração dos **que** O procuram,
que procuram a face do **Deus** de Jacob.
4. Levantai, ó **portas**, os vossos umbrais,
alteai-vos, pórticos antigos, / e entrará o Rei da glória.
Quem é **esse Rei** da glória?
O Senhor forte e poderoso / o Senhor poderoso nas batalhas.

Povo de Deus, caminha e canta

Refrão

B. Rimaud e C. Villeneuve



Po - vo de Deus, ca - mi-nha e can - ta. A - le - lu -
ia! A - le - lu - ia! Po - vo de Deus, ca - mi-nha e
can - ta por - que o Se - nhor es - tá con - ti - go!

Estrofes



1. Deus te es-co - lheu en - tre as na - ções, Deus te es-co -
2. Deus te for - mou com sua pa - la - vra e quis que
lheu pa - ra seu po - vo. To - das as o - bras da sua
fos - ses tes - te - mu - nha. Can - ta o seu no - me em to - da a
mão vão pro - cla - man - do o seu a - mor.
ter - ra pa - ra que se - jam to - dos um.

- | | |
|--|--|
| 3. Tu és o povo da aliança,
tu és o povo da promessa.
Pede com fé e confiança
que venham todos ao Senhor. | 5. Deus te salvou do teu pecado
com o seu sangue redentor.
Ele suportou teu sofrimento
para que ajudes teu irmão. |
| 4. Deus te livrou da escravidão,
te concedeu a liberdade.
Para lembrar sua passagem
destrói os laços da opressão. | 6. Pelo Batismo, fazes parte
do corpo santo de Jesus.
Na tua vida não te esqueças
que és enviado do Senhor. |

Povo teu somos, ó Senhor

(anónimo do séc. XVI)

The musical score is written on four staves. The first staff begins with a treble clef, a key signature of one sharp (F#), and a 3/2 time signature. The melody consists of quarter and half notes. The lyrics 'Po - vo teu so - mos, ó Se - nhor,' are written below the first staff. The second staff continues the melody with the lyrics 'Pois Tu nos li - ber - tas - - te'. The third staff has the lyrics 'Pe - la pa - la - vra e pe - lo a - mor'. The fourth staff concludes the phrase with the lyrics 'Com que nos res - ga - tas - - te.' The score ends with a double bar line.

Po - vo teu so - mos, ó Se - nhor,
Pois Tu nos li - ber - tas - - te
Pe - la pa - la - vra e pe - lo a - mor
Com que nos res - ga - tas - - te.

2. Tu vens, Senhor, p'ra reunir / Os homens num só povo,
Que vão contigo construir / Novos céus: mundo novo!
3. Teu coração aberto está / Para nos dar guarida:
Seja quem for só n'Ele terá / A salvação, a vida.
4. Homens-irmãos, cantai, cantai / Hinos d' hossana e glória
A Cristo, ao 'Spírito e ao Pai, / Cantai: Honra! Vitória!
5. És maravilha sem igual: / Um Deus ao homem dado.
Numa partilha fraternal / Vivendo, lado a lado!
6. Dos quatro pontos cardeais, / Pisando a terra dura,
Partem os pobres dos mortais / Só à tua procura!...
7. Vinha sagrada, abrindo em flor, / É tua santa Igreja:
Fá-la florir em paz e amor / E salvo o mundo seja!
8. Ouve, Senhor, a nossa voz, / Que canta agradecida,
Porque levamos dentro em nós / Teu amor, tua vida.
9. Nós contemplamos teu amor / Nos caminhos dos homens;
E nós pedimos ó Senhor, / Que esse amor nos transforme.

10. Da tua graça, ó Deus, nos vem, / Uma força celeste.
E nós levamos, mundo além, / O amor que nos deste.
11. O mundo espera ver em nós / A luz da tua glória.
Que o teu Espírito de amor / Nos alcance a vitória.
12. Tu tens para nos receber / Os teus braços abertos
E neles iremos viver, / Para sempre libertos.

Que alegria quando me disseram

Festivo *Refrão* *M. Luís*

Que a - le - gri - a quan - do me dis - se - ram:

"Va - mos pa - ra a ca - sa do Se - nhor!

Va - mos pa - ra a ca - sa do Se - nhor!"

Salmo 121

1. Alegrei-me quando me dis - serem:

"Va - mos pa - ra a Casa do Se - nhor!"

De - ti - veram-se os nos - sos passos

às tu - as portas, Je - ru - sa - lém.

2. Para lá sobem as tribos, as tribos do **Senhor**,
segundo o costume de Israel, / para celebrar o **nome do Senhor**;
ali **estão** os tribunais *da justiça*,
os tribunais da casa *de David*.
3. Pede a paz para **Jerusalém**:
"Vivam **seguros** quantos *te amam*.
Haja **paz** dentro *dos teus muros*,
tranquilidade em *teus palácios*".
4. Por amor de meus irmãos e **amigos**,
pedirei a paz *para ti*.
Por amor da **casa do Senhor**,
pedirei para **ti** todos os **bens**.

Somos a Igreja de Cristo

Refrão

M. Silva



So - mos a I - gre - ja de Cris - to,
as pe - dras vi - vas do tem - plo do Se - nhor.

Estrofe



1. Po - vo em mar - cha p'ra ca - sa do Pai,
com Cris - to a - mi - go, com Cris - to ir - mão,
a - bre ca - mi - nhos na fé e na es - p'ran - ça,
de mãos nas mãos e num só co - ra - ção.

2. Povo aberto em cada manhã,
Ao sol da fé e ao fogo da graça;
Povo que encontra na história do mundo
A luz divina de Cristo que passa.
3. Povo que luta, trabalha e anseia
Pela justiça de um mundo melhor;
Povo que segue os caminhos de Cristo,
Único reino de paz e de amor.

4. Povo que sofre na carne e na alma
Dores cruéis da sagrada paixão;
Preso da morte já espera a vitória,
No dia novo da ressurreição.
5. Povo de irmãos em redor do irmão,
fogo alastrado em fraternidade;
A mesa posta é lugar para todos,
É um convite para a humanidade.

Vós que fostes batizados em Cristo

Refrão

F. Santos

Vós que fos - tes ba - ti - za - dos em

Cris - to es - tais re - ves - ti - dos da luz.

A - le - lu - ia, a - le - lu - ia.

Salmo 146

1. Louvai o Se - **nhor** porque é bom can - **tar**,

é agradável e **justo** cele - **brar** o **seu** lou - **vor**.

2. O Senhor edificou Jerusalém,
congregou os dispersos d'Israel.
3. Sarou os corações dilacerados
e ligou as suas feridas.
4. Fixou o número das estrelas
e deu a cada uma o seu nome.
5. Grande é o nosso Deus e todo-poderoso
é sem limites a sua sabedoria.
6. O Senhor conforta os humildes
e abate os ímpios até ao chão.
7. Cantai ao Senhor em ação de graças
com a cítara cantai ao nosso Deus.
8. Ele cobre de nuvens o céu,
faz cair a chuva sobre a terra.

CÂNTICOS PARA CELEBRAR EM FÁTIMA

Ave de Fátima

Afonso Lopes Vieira

Estrofes

(anónimo)



1. A tre - ze de Mai - o na Co - va da I - ri - a A -
par' - ceu bri - lhan - do a Vir - gem Ma - ri - a.

Refrão




A - ve, A - ve, A - ve Ma - ri - a! A -
ve, A - ve, A - ve Ma - ri - a!

- | | |
|---|---|
| 2. A Virgem Maria
Cercada de luz,
Nossa Mãe bendita
E Mãe de Jesus. | 6. Falou contra o luxo
Contra o impudor
De imodestas modas
De uso pecador. |
| 3. Foi aos Pastorinhos
Que a Virgem falou.
Desde então nas almas
Nova luz brilhou. | 7. Disse que a pureza
Agrada a Jesus
Disse que a luxúria
Ao fogo conduz. |
| 4. Com doces palavras
Mandou-nos rezar
A Virgem Maria
Para nos salvar. | 8. A treze de Outubro
Foi o seu adeus
E a Virgem Maria
Voltou para os céus. |
| 5. Mas jamais esqueçam
Nossos corações
Que nos fez a Virgem
Determinações. | 9. À Pátria que é vossa,
Senhora dos céus,
Dai honra, alegria
E a graça de Deus. |

- | | | | |
|-----|--|-----|--|
| 10. | À Virgem bendita
Cante seu louvor
Toda a nossa terra
Num hino de amor. | 13. | E para pagarmos
Tal graça e favor,
Tenham nossas almas
Só bondade e amor. |
| 11. | Todo o mundo a louve
Para se salvar,
Desde o vale ao monte,
Desde o monte ao mar. | 14. | Avé, Virgem Santa
'Strela que nos guia!
Avé, Mãe da Igreja!
Oh! Virgem Maria! |
| 12. | Ah! Dêmos-lhe graças
Por nos dar seu bem,
À Virgem Maria,
Nossa querida Mãe! | | |

Ave, o Theotokos

And. Moderado *Estrofe* *C. Silva*



1. Vos - sa a - pa - ri - ção, Se - nho - ra, To - da ves -
 2. A - pa - re - ces - tes, Se - nho - ra, Es - tre - la
 ti - da de luz É re - ve - la - ção ao
 do no - vo di - a: Sois de Cris - to a men - sa -
 mun - do Do vos - so Fi - lho Je - sus!
 gei - ra, Do seu a - mor pro - fe - ci - a!

Alargando *Refrão*



A - ve, o The - o - to - kos! A - ve, o Ma - ter
 De - i! A - ve, A - ve Ma - ri -
 a! A - ve, A - ve Ma - ri - a!

- | | |
|--|--|
| 3. Vosso Filho Jesus Cristo,
Verbo de Deus Incarnado,
Vem criar um mundo novo
Sem as manchas do pecado. | 5. Pela boca das crianças
Deus fala a sua Verdade,
À paz, amor e justiça
Convidando a humanidade. |
| 4. Nos tempos que hoje vivemos
De guerras e violência
Vós nos pedis, ó Senhora,
Oração e penitência. | 6. Na solidão da montanha
Mais perto estamos de Deus
Para no meio dos homens
Lembrar os preceitos seus. |

- | | |
|--|--|
| <p>7. Ó Senhora aparecida
A três humildes pastores:
Fazei-nos Igreja santa,
Nós que somos pecadores.</p> | <p>8. Gloriosa Mãe da Igreja
Que desceis do céu à terra:
Semeai a paz de Cristo
Onde os homens fazem guerra.</p> |
|--|--|

Cantemos alegres

Heitor Moraes

Refrão

A. Cartageno



Estrofe



- | | |
|--|--|
| 2. Vossos olhos inocentes
Contemplaram a Senhora,
Dos seus filhos peregrinos
Carinhosa protetora. | 6. A Senhora do Rosário,
Pela vossa intercessão,
Abençoe o Santo Padre
E nos leve à conversão. |
| 3. Sacrifício e oração
Foi a vossa vida inteira
Ao convite maternal
Da Senhora da azinheira. | 7. Contemplando Deus no Céu
Pelos anjos adorados,
Alcançai o dom da paz
Para o mundo extraviado. |
| 4. Praticando a caridade
Entregáveis com carinho
A merenda que leváveis
Ao primeiro pobrezinho. | 8. Protegeí a nossa Pátria,
Para que, à sombra da cruz,
Guarde sempre a fé cristã
E a verdade de Jesus. |
| 5. Caminhantes neste mundo
Ajudai-nos, cada dia,
A viver sempre seguros
Sob o manto de Maria. | 9. Sob a vossa proteção,
Neste mundo controverso,
As famílias reunidas
Com amor rezem o terço. |

Lumen Christi! Amen!

Refrão

M. D. Duarte

Lu - men Chris- ti! A - men! A - le - lu - ia!

Lu - men Chris- ti! A - men! A - le - lu - ia!

The musical notation is in G major (one flat) and 4/4 time. It consists of two staves of music. The first staff has a treble clef and a key signature of one flat. The melody is: G4 (quarter), A4 (quarter), B4 (quarter), A4-G4 (beamed eighth notes), F#4 (quarter), E4 (half). The lyrics 'Lu - men Chris- ti! A - men! A - le - lu - ia!' are written below. The second staff continues the melody: D4 (half), C4 (half). The lyrics 'Lu - men Chris- ti! A - men! A - le - lu - ia!' are written below. The piece ends with a double bar line.

Estrofes

1. Vem, ó Luz do mun - do,

eis a Tu - a I - gre - ja

com a chama da fé em su - as mãos.

The musical notation is in G major (one flat) and 4/4 time. It consists of three staves of music. The first staff has a treble clef and a key signature of one flat. The melody is: G4 (quarter), A4 (quarter), B4 (quarter), A4-G4 (beamed eighth notes), F#4 (quarter), E4 (half). The lyrics '1. Vem, ó Luz do mun - do,' are written below. The second staff continues the melody: D4 (half), C4 (half). The lyrics 'eis a Tu - a I - gre - ja' are written below. The third staff continues the melody: B3 (half), A3 (half). The lyrics 'com a chama da fé em su - as mãos.' are written below. The piece ends with a double bar line.

2. Vem, ó Fonte eterna,
eis a Tua Igreja
adornada com os fulgores da **Tua** luz.
3. Vem, ó Bom Pastor,
eis a Tua Igreja
celebrar o esplendor admirável da **Tua** luz.
4. Vem, ó Rei juiz,
eis a Tua Igreja
dissipar as **trevas** de **todo_o** mundo.
5. Vem, ó Verbo eterno,
eis a Tua Igreja
repartir o esplendor do **Teu** clarão.

6. Vem, ó Belo Esposo,
eis a tua Igreja
por Ti iluminada, precioso luzeiro.
7. Vem, ó Deus connosco,
eis a Tua Igreja
comungar da abundância da Tua vida.
8. Vem, ó Filho amado,
eis a Tua Igreja
cumprir o mandato da boa-nova.
9. Vem, ó Jesus Cristo,
eis a Tua Igreja
dissipar as trevas com a Tua glória.
10. Vem, ó nova Páscoa,
eis a Tua Igreja
arder no fulgor da Ressurreição.
11. Vem, ó Sol nascente,
eis a Tua Igreja
dar de graça o que de graça recebeu.

Meu Deus eu creio

C. Silva

mf

Meu Deus eu cre - io, a - do - ro, es - pe - ro e

cresc.

a - mo - Vos. Pe - ço - Vos per - dão pa-ra os que não

crê - em, não a - do - ram, não es - pe - ram e não Vos a - mam.

Senhora, um dia desceste

Liturgia das Horas

Estrofe

C. Silva

Andante

1. Se - nho-ra, um di - a des - ces - tes À ter - ra que em Vós con-



fi - a: Des - ces - tes à Ser - ra d'Ai - re, em



ple - na Co - va da I - ri - a.

Refrão

Sal - ve, Re - gi - na! Sal - ve, Re - gi - na!



O - ra pro no-bis, Ma - ri - a! Sal - ve, Re - a!

- | | |
|--|--|
| 2. Nas mãos trazíeis o terço,
Que pende da vossa imagem:
Na fronte uma estrela de ouro,
Nos lábios doce mensagem. | 4. Pedistes que nos uníssemos
Em oração e concórdia,
Com pena dos pecadores,
Ó Mãe de misericórdia. |
| 3. Falando a três pastorinhos
De cima duma azinheira,
Pregastes a penitência
Aos povos da terra inteira. | 5. Olhai, ó Virgem do Céu
O mundo que pede luz,
Bendita sejais, Senhora!
Bendito seja Jesus! |

Totus tuus

F. Melro

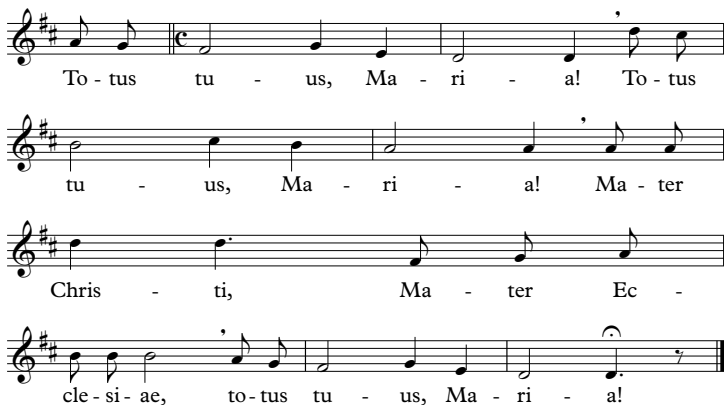
Estrofe

A. Cartagena



1. Co - mo o Pas - tor da I - gre - ja se pro - cla - ma Ao
 ser - vi - ço dos ho - mens to - do vos - so, tam -
 bém, ex - cel - sa Mãe, Vos per - ten - ce - mos: um
 po - vo to - do vos - so que Vos can - ta:

Refrão



To - tus tu - us, Ma - ri - a! To - tus
 tu - us, Ma - ri - a! Ma - ter
 Chris - ti, Ma - ter Ec -
 cle - si - ae, to - tus tu - us, Ma - ri - a!

2. Mostrai que sois a Mãe de Jesus Cristo,
 O nosso Redentor a quem seguimos:
 Mostrai-nos que sem Ele nos perdemos,
 Ó Mãe do amor perfeito e da esperança!

3. Mostrai que sois a Mãe da Santa Igreja;
Guiai em cada dia os seus pastores:
Igreja missionária que anuncia
O Tempo Novo e a Terra Prometida.
4. Mostrai que sois a Mãe da Humanidade
Por Cristo resgatada no seu sangue!
Salvai-a de tragédias e infortúnios;
Ao encontro da Paz encaminhai-a!
5. Os jovens, porque fazem o futuro,
Em Vós encontram sempre as águas vivas;
Em Vós encontram sempre Jesus Cristo
E em Cristo deles nasce o mundo novo!
6. Connosco caminhai, Mãe da Esperança,
Em busca da justiça e da verdade!
Jesus ressuscitado é o caminho;
Vós sois a Mãe da Nova Humanidade!
7. Vós sois a Mãe de todos os que sofrem,
Vós sois a Mãe dos pobres e oprimidos:
Mãe de Cristo na Cruz sacrificado,
Mas que ressuscitou, vencendo a morte!

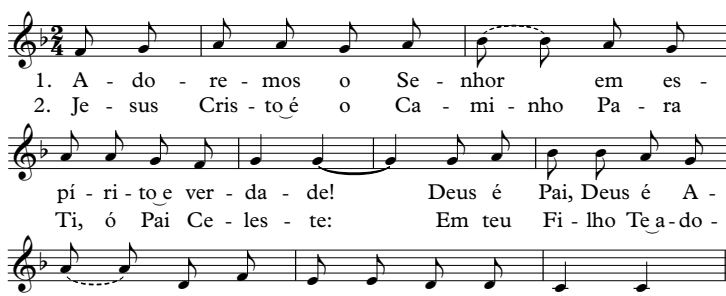
Venite adoremus

Refrão *A. Cartagena*



Ve - ni - te, a-do-re - mus, a-do-re mus, Do-mi- num!

Estrofes



1. A - do - re - mos o Se - nhor em es -
2. Je - sus Cris - to é o Ca - mi - nho Pa - ra
pí - ri - to e ver - da - de! Deus é Pai, Deus é A -
Ti, ó Pai Ce - les - te: Em teu Fi - lho Te a - do -
mor Pa - ra to - da a hu - ma - ni - da - de!
ra - mos Pe - las gra - ças que nos des - te!

- | | |
|---|--|
| 3. Te adoramos, Deus Excelso,
De nós todos Criador,
Com Maria Imaculada,
Mãe de Cristo Redentor! | 5. Nós que somos a Igreja
Testemunha de Jesus,
Adoremos Deus Eterno
Pois é Ele a nossa Luz! |
| 4. Ó Santíssima Trindade,
Nosso Pai e Criador!
Ó Deus Filho, nosso Irmão,
Ó Espírito de Amor! | 6. Adorando falsos deuses
No pecado nos perdemos.
Mãe de Deus, és nossa estrela:
Só teu Filho seguiremos! |

**CÂNTICOS PARA DAR GRAÇAS
PELO DOM DE FÁTIMA**

Dai graças ao Senhor

Refrão

F. Santos

Dai gra - ças ao Se - nhor, por - que é e -
 ter - na a su - a bon - da - de Dai
 gra - ças ao Se - nhor dai gra - ças.

Salmo 135

1. Dai graças ao Senhor, por - qu'E - le é bom: (A)
 Dai graças ao Deus dos deu - ses: (A+B)
 Dai graças ao Senhor dos se - nho - res: (A+B+C)

A É eterna a su - a bon-da - de.

B É eterna a su - a bon-da - de.

C É eterna a su - a bon-da - de.

2. Só Ele fez grandes **maravilhas**: (A)
 Fez o céu com **sabedoria**: (A+B)
 Estendeu a terra **sobre** as águas: (A+B+C)
3. Criou os grandes **luzeiros**: (A)
 O Sol para **presidir** ao dia: (A+B)
 A Lua e as estrelas para **presidir** à noite: (A+B+C)

Dêmos graças ao Senhor

Refrão

A. Cartageno

Dê-mos gra-ças ao Se-nhor pe-la su-a mi-se-ri-cór-di-a, por-que E-le deu de be-ber aos que ti-nham se-de e sa-ci-ou os que ti-nham fo-me, e sa-ci-ou os que ti-nham fo-me.

Salmo 106

1. Digam-no aqueles que o Senhor resga - tou os que Ele libertou do poder do ini - mi - go: os que Ele reuniu de todas as ter - ras, do Oriente e do Ocidente, do Nor - te e do Sul.

- Erravam na solidão do deserto,
sem caminho para a cidade onde habitar.
Devorados pela fome e pela sede,
sentiam desfalecer-lhes a vida.

3. Na sua angústia invocaram o **Senhor**,
e Ele salvou-os da **aflição**.
Conduziu-os por caminho **direito**
até uma cidade *onde habitassem*.
4. Graças ao Senhor pela sua misericórdia,
pelos seus prodígios em favor dos **homens**.
Porque Ele deu de beber aos que tinham **sede**,
e saciou os que *tinham fome*.
5. Na sua angústia invocaram o **Senhor**
e Ele salvou-os da **aflição**.
Tirou-os das trevas e da sombra da **morte**,
despedaçou as suas **cadeias**.
6. Ele quebrou as portas de **bronze**,
e despedaçou as trancas de **ferro**.
Graças ao Senhor pela sua misericórdia,
pelos seus prodígios em *favor dos homens*.

Deo gratias

Marco Daniel Duarte

Refrão


S. Vicente



De - o gra - ti - as. De - o gra - ti - as.
T.P. Al - le - lu - ia. Al - le - lu - ia.

pequeno coro

Estrofes



1. O E - van - ge - lho res - so - a em nos - sos di - as:

tutti




De - o gra - ti - as.

pequeno coro



1. A Pa - la - vra guar - da - mos co - mo Lei:

Refrão



De - o gra - ti - as. De - o gra - ti - as.
T.P. Al - le - lu - ia. Al - le - lu - ia.

2. O Evangelho ressoa em nossos dias: *Deo gratias*.
E fazemos o que Ele nos disser: *Deo gratias. Deo gratias*.
3. O Evangelho ressoa em nossos dias: *Deo gratias*.
Celebramos a Páscoa do amor: *Deo gratias. Deo gratias*.
4. O Evangelho ressoa em nossos dias: *Deo gratias*.
E servimos o irmão até ao fim: *Deo gratias. Deo gratias*.
5. O Evangelho ressoa em nossos dias: *Deo gratias*.
Nesta mesa cantamos o perdão: *Deo gratias. Deo gratias*.
6. O Evangelho ressoa em nossos dias: *Deo gratias*.
Junto à cruz recebemos uma Mãe: *Deo gratias. Deo gratias*.

7. O Evangelho ressoa em nossos dias: *Deo gratias.*
Da montanha cantamos o Anúncio: *Deo gratias. Deo gratias.*
8. O Evangelho ressoa em nossos dias: *Deo gratias.*
Eis a fonte da graça para o mundo: *Deo gratias. Deo gratias.*
9. O Evangelho ressoa em nossos dias: *Deo gratias.*
Proclamando o Deus da misericórdia: *Deo gratias. Deo gratias.*
10. O Evangelho ressoa em nossos dias: *Deo gratias.*
Reparando os crimes deste mundo: *Deo gratias. Deo gratias.*
11. O Evangelho ressoa em nossos dias: *Deo gratias.*
Ao tornarmos ao colo maternal: *Deo gratias. Deo gratias.*
12. O Evangelho ressoa em nossos dias: *Deo gratias.*
Na brancura da veste batismal: *Deo gratias. Deo gratias.*
13. O Evangelho ressoa em nossos dias: *Deo gratias.*
Nessa luz que ilumina todo o ser: *Deo gratias. Deo gratias.*
14. O Evangelho ressoa em nossos dias: *Deo gratias.*
Ao cantarmos a vinda do Senhor: *Deo gratias. Deo gratias.*

Magnificat

Refrão

B. Terreiro



Cântico (Lc 1, 46-55)



1. A minha alma glori - fica o Se - nhor
e o meu espírito se alegra em **Deus** meu Sal - va - dor.
2. Porque pôs os olhos na humildade da sua **serva**:
de hoje em diante me chamarão bem-aventurada **todas** as gerações.
3. O Todo-Poderoso fez em **mim** maravilhas:
Santo **é** o seu nome.
4. A sua misericórdia se estende de **geração** em **geração**
sobre **aqueles** que O temem.
5. Manifest**ou** o **poder** do seu **braço**
e dispers**ou** os soberbos.
6. Derrub**ou** os poderosos de seus **tronos**
e exalt**ou** os humildes.
7. Aos famintos encheu de **bens**
e aos ricos despedi**u** de mãos vazias.
8. Acolheu a Israel, seu **servo**,
lembrado da **sua** misericórdia,
9. Como **tinha** prometido a nossos **pais**,
a Abraão e à sua descendência para sempre.

Misericordias Domini

ŷ. Berthier

The musical score is written on two staves in G major (one sharp) and 4/4 time. The first staff begins with a piano (*p*) dynamic marking. The melody consists of eighth and quarter notes. A slur connects the notes for 'cor-di' and 'as'. The second staff continues the melody with a final double bar line. The lyrics are in Latin and are aligned with the notes.

p

Mi - se - ri - cor - di - as Do - mi - ni
E - ter - na - men - te can - ta - rei,

in æ - ter - num can - ta - bo.
o a - mor do nos - so Deus.

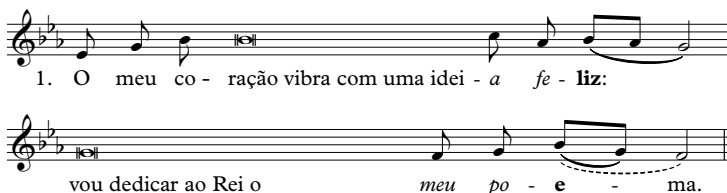
Vamos confiantes

Refrão

C. Silva



Salmo 44



2. Nos palácios de marfim deliciam-Vos os sons da lira, †
ao vosso encontro vêm *filhas de reis*,
à vossa direita, a rainha ornada com ouro *de Ofir*.
3. A filha do Rei avança cheia *de esplendor*,
de brocados de ouro são os *seus vestidos*.
4. Com um manto multicolor é *apresentada ao Rei*,
seguem-na as donzelas, suas *companheiras*.
5. Celebrarei o vosso nome, de geração em *geração*
e os povos hão-de louvar-Vos *para sempre*.

CÂNTICOS PARA O ROSÁRIO

A minha alma glorifica o Senhor

Refrão

C. Silva



A mi - nha al ma glo - ri - fi - ca o Se - nhor
 por - que o - lhou pa - ra a su - a hu - mil - de ser - va.
 A mi - nha al ma glo - ri - fi - ca o Se - nhor.

Cântico (Lc 1, 46)



1. A minha alma glorifica o Se - nhor
 e o meu espírito se alegra em Deus, meu Sal - va - dor.

2. Porque pôs os olhos na humildade da **sua** serva:
de hoje em diante me chamarão bem-aventurada todas as **gerações**.
3. O Todo-poderoso fez em Mim **maravilhas**:
santo é **o** seu nome.
4. A sua misericórdia se estende de geração em **geração**,
sobre aqueles **que** O temem.
5. Manifestou o poder **do** seu braço
e dispersou **os** soberbos.
6. Derrubou os poderosos **de** seus tronos
e exaltou **os** humildes.
7. Aos famintos **encheu** de bens
e aos ricos despediu de **mãos** vazias.

8. Acolheu a *Israel*, seu servo,
lembrado da sua *misericórdia*,
9. como tinha prometido a *nos*sos pais,
a Abraão e à sua descendência *para* sempre.

Senhor, Tu és a luz

Com simplicidade *Refrão* *Az. Oliveira*

Se- nhor, Tu és a luz que i-lu - mi - na a ter - ra in-
 tei - ra; Tu és a luz que i-lu - mi - na a mi nha vi - da.

Enérgico *Salmo 95*

1. Cantai ao Senhor um **cân** - ti - co no - vo,
 cantai ao Senhor **ter** - ra in - tei - ra.
 Cantai ao Senhor, bendi - - **zei** o seu no - me.

2. Publicai entre as nações a **sua** glória,
 em todos os povos as suas **maravilhas**.
 O Senhor é grande e digno **de** louvor.
3. Dai ao Senhor, ó **família** dos povos,
 dai ao Senhor **glória_e** poder.
 Dai ao Senhor a glória **do** seu nome.
4. Alegrem-se os céus, **exulte_a** terra,
 ressoe o mar e tudo o que **ele** contém,
 exultem os campos e as **árvores** dos bosques.

Santa Maria, Mãe de Deus

Refrão

M. Simões



Estrofes



1. Porta do **Céu**, templo e sa - **crário** do Espí - ri - to **San** - to.
2. Senhora dos **Anjos**, medianeira de Deus e dos **homens**.
3. Advogada dos **pobres**, misericórdia dos **pecadores**.
4. Salvação dos que Te **invocam**, **alegria** do Céu e da **terra**.
5. Única **esperança**, escada **celeste** do reino da **glória**.

Tu és a glória de Jerusalém

Fernando Melro

M. Luis



2. Tu és honra da humanidade! - **Ave, Maria!**
És a ditosa por Deus escolhida! - **Ave, Maria!**
3. Das tuas mãos nos vieram prodígios! - **Ave, Maria!**
És o refúgio do povo de Deus! - **Ave, Maria!**
4. O que fizeste agradou ao Senhor! - **Ave, Maria!**
Bendita sejas por Deus poderoso! - **Ave, Maria!**
5. Povos da terra, louvai a Maria! - **Ave, Maria!**
Eternamente aclamai o seu nome! - **Ave, Maria!**

Felizes as entranhas

Refrão

C. Silva

Fe - li - zes as en - tra - nhas da
Vir - gem Ma - ri - a que trou - xe - ram o
Fi - lho do e - ter - no Pai, que trou -
xe - ram o Fi - lho do e - ter - no Pai.

Cântico (Lc 1,46)

1. A minha alma glorifica **ao** Se - nhor
e o meu espírito se alegra em Deus, meu **Sal** - va - dor.

2. Porque pôs os olhos na humildade da **sua** serva:
de hoje em diante me chamarão bem-aventurada todas as **gerações**.
3. O Todo-poderoso fez em Mim **maravilhas**:
santo é **o** seu nome.
4. A sua misericórdia se estende de geração em **geração**,
sobre aqueles **que O** temem.
5. Manifestou o poder **do** seu braço
e dispersou **os** soberbos.
6. Derrubou os poderosos **de** seus tronos
e exaltou **os** humildes.

7. Aos famintos **encheu** de bens
e aos ricos despediu de **mãos** vazias.
8. Acolheu a **Israel**, seu servo,
lembrado da sua **misericórdia**,
9. como tinha prometido a **nossos** pais,
a Abraão e à sua descendência **para** sempre.

Alegrai-vos, Mãe de Jesus

F. Melro e A. Aparício

Refrão

A. Cartageno

A - le - grai- Vos, Mãe de Je - sus! A - le - grai- Vos, ó Mãe da
Luz! Vos-so Fi - lho ven-ceu a mor - te, res-sus - ci -
tou! A - le - grai - Vos, ó Ma - ri -
a! A - le - lu - ia. A - le - lu - ia!

Estrofe

1. E - xul - te - mos de a - le - gri - a, Pois Deus
é ma - ra - vi - lho - so! Ad - mi - rá - veis os pro -
dí - gios Do seu rei - no glo - ri - o - so.

2. Como ovelhas conduzidas
Pela mão do Bom Pastor,
Teremos na eternidade
O seu pão e o seu amor.

3. Ó nações de todo_o mundo,
Procurai em Deus abrigo;
De Seu Filho Jesus Cristo
Vos fez vosso_irmão amigo!

CÂNTICOS PARA O ROSÁRIO

- | | |
|--|---|
| 4. Aleluia, Virgem Santa,
O Senhor ressuscitou!
Ele é rei vitorioso,
Do pecado nos livrou! | 6. Exultemos e cantemos
Aleluias de alegria!
O Senhor venceu a morte:
Exultemos com Maria! |
| 5. Exultemos com Maria
E com Ela demos glória
A Deus Pai que neste dia
A Jesus deu a vitória! | 7. Esperastes em silêncio
A promessa de Jesus
De mostrar a sua glória
Ao morrer por nós na cruz. |

Bendita seja a Virgem Maria

Refrão

M. Luís

$\text{♩} = 65$

Ben-di-ta se-ja a Vir-gem Ma-ri - a, que trouxe em seu
ven - tre o Fi - lho de Deus Pai. Que trou - xe em seu
ven- tre o Fi-lho de Deus Pai, A - le - lu - ia.

Salmo 83

1. Como é agradável a vos - sa mo - ra - da.
Senhor dos E - xér - ci - tos.

2. A minha alma suspira ansiosamente
pelos átrios **do** Senhor.
3. O meu coração e a **minha** carne
exultam **no** Deus vivo.
4. Felizes os que moram em **vossa** casa:
podem louvar-Vos **continuamente**.
5. Felizes os que em Vós encontram a **sua** força,
os que trazem no coração os caminhos do **santuário**.
6. Senhor Deus dos Exércitos, ouvi a **minha** prece,
prestai-me ouvidos, ó Deus **de** Jacob.
7. Contemplai, ó Deus, nosso **protetor**,
ponde os olhos no rosto do **vosso** servo.

CÂNTICOS PARA A VIA-SACRA

O Senhor salvou-me

Largo e espressivo *Refrão* *C. Silva*

O Se-nhor sal - vou - me, o Se-nhor sal - vou -
me, o Se - nhor sal - vou - me por-que me
tem a - mor. O Se - mor.

Estrofes

1. Por a - qui - lo que o Se - nhor fez por ti re - co -
2. Não há mai - or pro - va de a - mor do que
3. Quan-do é - ra-mos seus i - ni-migos Je - sus
nhe - ce quan - to va - les pa - ra E - le.
dar a su - a vi - da pe - lo a - mi - go.
Cris - to deu a vi - da por nós.

4. Eu vi - vo da fé no Fi - lho de Deus
que me a-mou e se en-tre-gou por mim.

Abri as portas

Refrão *C. Silva*

A - bri as por - tas, a - bri as

por - tas ao Re - den - tor!

rall.

Detailed description: The musical notation is for a refrain in 2/4 time, key of D major. It consists of two staves. The first staff has a treble clef and a key signature of one sharp (F#). The melody starts on a whole note 'A', followed by quarter notes 'bri' and 'as'. The second staff continues with a half note 'por', a quarter note 'tas', and then a half note 'a' followed by a quarter note 'bri'. The final staff has a half note 'as', a half note 'por', a quarter note 'tas', and a half note 'ao' followed by a quarter note 'Re', a half note 'den', and a final quarter note 'tor!' with a double bar line. A 'rall.' marking is placed above the final staff.

Salmo 99

1. Aclamai o Senhor, terra in - - tei - ra,

servi o Senhor com ale - - gri - a,

vinde a Ele com cânti - - cos de jú - bilo.

Detailed description: The musical notation is for the first verse of Psalm 99 in 2/4 time, key of D major. It consists of three staves. The first staff has a treble clef and a key signature of one sharp (F#). The melody starts with a whole note 'A', followed by quarter notes 'clamai' and 'o'. The second staff continues with a half note 'Senhor', a quarter note 'terra', and a half note 'in'. The third staff has a half note 'tei', a quarter note 'ra', and a half note 'servi'. The fourth staff continues with a half note 'o', a quarter note 'Senhor', and a half note 'com'. The fifth staff has a half note 'ale', a quarter note 'gri', and a half note 'a'. The sixth staff has a half note 'vinde', a quarter note 'a', and a half note 'Ele'. The seventh staff has a half note 'cânti', a quarter note 'cos', and a half note 'de'. The eighth staff has a half note 'jú', a quarter note 'bilo', and a final half note with a double bar line.

2. Sabei que o Senhor é **Deus**,
Ele nos fez, a Ele pertencemos,
somos o seu povo, ovelhas do *seu* rebanho.
3. Entrai pelas suas portas dando **graças**,
penetrai em seus átrios com hinos de louvor,
glorificai-O, bendizei o *seu* nome.
4. Porque o Senhor é **bom**,
eterna é a sua misericórdia,
a sua fidelidade estende-se de geração em *geração*.

Toda a nossa glória

Refrão *M. Luís*

Lento, coral

To-da a nos - sa gló - ri - a es - tá na
cruz de Nos - so Se - nhor, Je - sus Cris - to.

Salmo 66

1. Deus se compadeça de nós e nos dê a su - a **ben** - ção,
resplandeça sobre nós a luz do seu **ros** - to.

2. Para que se conheçam na terra os *seus caminhos*
e entre as nações a sua *salvação*.
3. Louvem-Vos, ó *Deus*, os **povos**,
dêem-Vos glória todas as **gentes**.
4. Porque regeis os povos com *equidade*
e conduzis as nações *sobre_a* **terra**.
5. A terra deu o *seu fruto*;
abençoou-nos o Senhor, *nosso* **Deus**.
6. Sim, que Deus nos *abençoe*
e que O reverenciem todos os *confins da* **terra**.

Se alguém quiser seguir-me

Refrão

C. Silva



Se al - guém qui - ser se - guir - Me, se al -
guém qui - ser se - guir - Me, to-me a su - a cruz e
si - ga - Me, to-me a su - a cruz e si - ga - Me.

Versículos



1. O Filho do Homem não veio para *ser* *ser* - **vi** - do;
veio para servir e *dar* *a* **vi** - da.

2. Se alguém quiser **seguir**-Me,
renuncie a si mesmo,/ tome a sua *cruz* e **siga**-Me.
3. Quem quiser salvar a sua vida, há-de *perdê*-la;
mas quem quiser perder a vida por causa de Mim há-de *encontrá*-la.
4. O discípulo não é superior *ao* **mestre**
nem o servo é maior que o *seu* **senhor**.
5. Se a Mim me *perseguir*am,
também vos hão-de *perseguir* a **vós**.
6. Aqueles que *são de* **Cristo**
crucificaram a carne com as suas paixões e *apetites*.

MISSA DE ANGELIS

MISSA DE ANGELIS

Kyrie

Canto Gregoriano

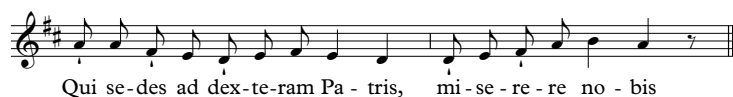


Gloria

Canto Gregoriano

Glo-ri - a in ex-cel-sis De - o. Et in ter-ra pax ho -
mi-ni-bus bo-nae vo-lun-ta - tis. Lau-da - mus te.
Be-ne-di-ci-mus te. A-do-ra - mus te.
Glo-ri - fi - ca-mus te. Gra-ti - as a - gi-mus ti - bi
prop-ter ma-gnam glo-ri - am tu - am. Do-mi-ne De-us,
Rex cae-les - tis, De-us Pa-ter om - ni - po - tens.
Do-mi-ne Fi - li u - ni - ge - ni - te Je - su Chris - te.
Do-mi-ne De-us, A-gnus De - i, Fi-li-us Pa - tris.
Qui tol - lis pec - ca - ta mun - - di, mi - se -
re - re no - bis. Qui tol - lis pec-ca - ta mun - di,

MISSA DE ANGELIS



Credo

Canto Gregoriano

Cre-do in u-num De - um, Pa - trem o-mni-po-ten-tem,
fa-cto-rem cae-li et ter-rae, vi-si-bi-li-um o - mi-um,
et in-vi-si-bi - li um. Et in u-num Do-mi-num Je-sum Chris-tum,
Fi-li-um De-i u-ni-ge-ni-tum. Et ex Pa-tre na - tum
an-te o-mni-a sae - cu-la. De-um de De-o, lu-men de lu-mi-ne,
De-um ve-rum de De-o ve-ro. Ge-ni-tum, non fa - ctum,
con-subs-tan-ci-a-lem Pa-tri: per quem o-mni-a fa-cta sunt.
Qui pro-pter nos ho-mi-nes, et pro-pter nos-tram sa-lu-tem
des-cen-dit de cae-lis. Et in-car-na-tus est de Spi-ri-tu San-cto

MISSA DE ANGELIS

2

ex Ma - ri - a Vir - gi - ne: et ho - mo fa - ctus est.

Cru ci - fi - xus et - i - am pro no - bis: sub Pon - ti - o Pi - la - to

pas - sus et se - pul - tus est. Et Res - sur - re - xit ter - ti - a di - e,

se - cun - dum Scrip - tu - ras. Et as - cen - dit in cae - lum:

se - det ad dex - te - ram Pa - tris. Et i - te - rum ven - tu - rus est cum glo - ri - a,

ju - di - ca - re vi - vos et mor - tu - os: cu - jus re - gni non e - rit fi - nis.

Et in Spi - ri - tum San - ctum, Do - mi - num, et vi - vi - fi - can - tem:

qui ex Pa - tre Fi - li - o - que pro - ce - dit. Qui cum Pa - tre et Fi - li - o

si - mul ad - o - ra - tur, et con - glo - ri - fi - ca - tur: qui lo - cu - tus est per pro - phe - tas.

Et u - nam san - ctam ca - tho - li - cam et a - pos - to - li - cam Ec - cle - si - am.

Con - fi - te - or u - num ba - ptis - ma in re - mis - si - o - nem pec - ca - to - rum.

DAR GRAÇAS PELO DOM DE FÁTIMA. TEMPO DE GRAÇA E MISERICÓRDIA

Et ex - pe - cto res - sur - re - cti - o - nem mor - tu - o - rum.

Et vi - tam ven - tu - ri sae - cu - li.

A - - - - - men.

Sanctus

Canto Gregoriano



San - - ctus, San - ctus, San - - ctus,
 Do - - mi - nus De-us Sa - - -
 - - - ba - oth. Ple-ni sunt cae - li
 et ter - - ra glo - ri - a tu - a.
 Ho-san - na in ex - cel - - sis.
 Be-ne - di - ctus qui ve - nit
 in no-mi-ne Do - mi-ni. Ho-san - - na
 in ex - cel - - - - sis.

Agnus Dei

Canto Gregoriano

A - gnus De - i, qui tol - lis pec-ca-ta mun - di:
mi - se - re - re no - bis.
A- gnus De - i, qui tol - lis pec-ca-ta mun - di:
mi - se - re - re no - bis.
A - gnus De - i, qui tol - lis pec-ca-ta mun - di:
do - na no - bis pa - cem.

DA
GRAÇA
PELO DOM
DE FÁTIMA

